



Um pé
de verso...
outro de
cantiga

Milton Guapo



© Milton Guapo, 2018

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução de partes ou do todo desta obra sem autorização expressa do autor e da editora (art. 184 do Código Penal e Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Douglas Rios – Bibliotecário – CRB1/1610)

Índices para catálogo sistemático:

1.Literatura – 82

2.Poemas - 82

Editores

Elaine Caniato

Ramon Carlini

Rommel Kunze

Capa

Elaine Caniato (imagens Shutterstock)

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica

Rommel Kunze

Revisão Gramatical

Olivia Yumi



Carlini & Caniato Editorial (nome fantasia da Editora TantaTinta Ltda.)
Rua Nossa Senhora de Santana, 139 – sl. 03 – Goiabeira
78.020-122 – Cuiabá-MT – (65) 3023-5714
carliniecaniato.com.br

Prefácio

Quando as fagulhas da inspiração transbordam o inconsciente de um artista, ele não é capaz de saber o que está espargindo, porque nesse célere momento não há tempo para a classificação metódica do conhecimento humano, tudo é rápido e se for preocupar com as modalidades literárias ou outros pormenores você engole o momento criador e depois sofre uma espécie de congestão de um vazio esmorecido, por isso não há tempo para formalidades diante da inspiração, ela é atemporal, assimétrica e não escolhe local para te cutucar e te elevar ao insondável mundo das artes e, como disse numa entrevista o saudoso já falecido, grande guitarrista Jimmy Hendrix: “... a arte da música quando chega na minha mente, é como uma onda... eu tento aproveitar o máximo dessa onda tal como um surfista que aproveita o máximo da onda antes que ela se desfaça na praia”.

Por um momento, antes de dar o título para este pequeno livro, eu me encontrava no mesmo dilema de Jimmy, então foi que me lembrei de quando eu era criança e de um dia em que estava atrasado, com pressa para ir à escola e não encontrava o outro par da minha meia, então resolvi calçar uma de cor diferente. Como eu nunca fui de me preocupar em saber como as pessoas estão me vendo (até hoje ainda sou um pouco assim), saí do quarto meio correndo pegando meu material escolar que estava na mesa da sala da minha casa, foi quando encontrei minha vó materna Dona Santana sentada e tricotando e, ao olhar para mim, ela logo percebeu a diferença das meias no meu pé, visto que naquela época todo cuidado dos pais era pouco com o zelo e aparência impecável dos filhos, essa responsabilidade se estendia a outros componentes da família.

Ela vendo a bizarra arrumação nos meus pés logo exclamou:

— Você tá indo assim pra escola? – meio surpreso com a pergunta contestei.

— Assim como vovó? — e ela, dando risada, disparou a sua crítica.

— Com “um pé de verso e outro de cantiga”, guri!

Com essa lembrança foi que me elucidei sobre o conteúdo “caleidoscópico” para este livro. Posso dizer que nesta pequena obra eu reuni o que escrevi nesses últimos anos. São algumas crônicas, memórias de casos cotados por outras pessoas, bem como as que eu mesmo participei ou presenciei na minha infância, adolescência e juventude, mas a maioria dos textos sobressaem das expressões do cotidiano pantaneiro e que se consolidaram em fatos memoráveis.

Há três contos que achei importante para fazer parte do livro, um está intitulado “DVD Pirata”, é uma “aventura” minha na ficção exaltando o confronto pós-moderno de um personagem comum, porém tudo transcorre dentro do cotidiano cuiabano. O segundo e o terceiro são contos/poesia que exaltam o nativismo pantaneiro/cuiabano no seu modo de vida existencial e que remonta a um tempo que não existe mais.

Quanto aos poemas, os quais finalizo a produção, posso dizer que são fragmentos dos mistérios da existência com suas matizes belas e ao mesmo tempo furtivas e que aconteceram quando tive uma espécie de “surto de inspiração para poesia”, mas que esses não passam de “aplicativos” para o inefável mundo maior da poesia.

Este pequeno livro foi o que pude aproveitar do momento em que “me mantive na crista da onda da inspiração”, tal como o guitarrista Jimmy Hendrix quando ainda em vida impressionou o mundo com seu improviso singular de sons magníficos tirado da sua guitarra. Em fim, todos nós artistas estamos aproveitando o tempo todo a abertura momentânea do vórtice extra-físico da existência para dizer ao mundo “... que a arte existe porque a vida só não basta”, como disse o grande poeta Ferreira Goulart.

Considerações

Nunca fui de fazer planos nem de vida tampouco de produção musical ou literária, mas confesso que tudo que está neste pequeno livro nasceu primeiro, por incentivo de meu velho amigo de todas as horas, o grande historiador João Carlos Vicente Ferreira, que certa vez me pediu para participar como colaborador da sua revista *Lume*, um fascículo mensal fascinante que temos hoje na altura de uma comunicação em tempo de “existência líquida”.

Comecei a escrever as crônicas e quando me dei conta já havia sete delas prontas e algumas já publicadas na revista. Embora eu tenha acabado de escrever a novela pós-moderna, “No Limiar” o qual até agora não consegui editar por falta de recursos, senti que deveria continuar na temática nativa sugerida pelo amigo João. Então fui assolado pelas reminiscências vividas na minha adolescência cacerense e a figura mais proeminente desse Feed Back foi do meu professor de linguagem e também incentivador Natalino Ferreira Mendes, que nessa época eu era seu aluno no Colégio Estadual Onze de Março, em Cáceres, e me veio a costumeira cena de quando ele me via com algum livro na mão, comentava alguma coisa sobre a obra com seu sorriso de mestre.

Nunca fui um estudante exemplar, mesmo sendo filho de professor, mas hoje tenho consciência disso e que também a minha sensibilidade artística era voraz junto a necessidade contida de me expressar causava um *tsunami* no meu comportamento deixando-me constantemente perturbado e muitas vezes rebelde, antissocial e agressivo, e o professor Natalino tinha consciência da minha problemática. Certo dia no Colégio ele me abordou como de costume, quando me via lendo alguma coisa e perguntou o que eu estava lendo; então mostrei a ele o livro intitulado *O mundo como vontade e representação*, obra polêmica do nada

mais nada menos que o filósofo alemão Arthur Schopenhauer. Ele olhou o livro, arregalou os olhos e me disse sorrindo:

— Ihh... Pinho! Agora sim, quero ver quem vai te aguentar!

Realmente naqueles idos anos de chumbo do século passado passei por várias metamorfoses de comportamento e que hoje vejo que sempre fui e serei um quebra-cabeça perene no qual esses sinais marcantes da minha personalidade aparecem em minhas obras tanto em forma de letras musicais, contos, poemas e tantas outras formas que comunico, como se fosse uma maldição de reticências contínua.

Quero também ressaltar aqui as informações que os amigos de adolescência e juventude cacerense, Antonio Isidoro da Silva Filho (Tonico), João Cunha Cardozo, Carlos Roberto Bolzan, minha mãe Maria de Lima Pinho que é um sítio inesgotável de minha inspiração, bem como o compositor Domingão de Santo Antonio de Leverger, que foram fundamentais para “sonorizar” esta pequena obra.

Quanto aos personagens cacerenses reais das histórias, alguns estão vivos, outros, não eu sei, mas os que permearam no enredo desta obra eu os agradeço de coração, pois todos os outros temas fictícios quanto os relatados da vida real fazem parte de um todo e, com isso, tanto os fatos verdadeiros quantos os que foram inspirados, bem como os seus respectivos personagens, serão num futuro distante confundidos e talvez até questionada a real existência deles, como acontece hoje com a convicção dos fiéis em torno da história de personagens de uma religião, porque vivemos num matizar de sons, imagens, aroma e que hoje está presente fazendo-nos viver o aqui agora, mas esse retumbar da existência vai se distanciando da fonte com o esvair do tempo e, às vezes, ficará inaudível para nós, mas estará ecoando com o mesmo brilho em outros algures do único milagre, o grande mistério: A vida.

Sumário

CRÔNICAS

Amarrar canoa no batume	11
Confusão de Santos de fé	13
Quando as horas eram “disputa”	15
“Nem bem morto e já esfolado”	17
Angu de caroço... Enquanto tá quente...!	20
Conversa de “bolicho” em Mimoso	22
O cantar do Jacuruto	25
A sincronicidade guarani-pantaneira	27
Dona Matilde	36
“... Bassa ba dentro!...”	40
Maria “Perna Grossa”	44
“Matar Bem-te-vi à soco”	51
Vai pra areias gordas!	55
“Lá vem Tapuiaia...”	58

CONTOS

“Moadge” na beira de corixo	63
“Dgente bocaiúdo num presta pra pescar peraputanga”	70
DVD Pirata	76

POEMAS

Inocência	87
Moto-perpétuo	88
A última gota	89
Outono	90
Tempo seco	91
Borboleta	92
Interação	93
?	94
...E a pinga pingava pingando	95

Crônicas e Memórias

Amarrar canoa no batume

Dito popular pantaneiro

Quando vem o período da seca no Pantanal, fato que acontece todos os anos entre os meses de maio e outubro, nos rios, nas lagoas e nos corixos da região acontece o fenômeno chamado “vazante”, isso porque as águas do período chuvoso acumuladas durante o período de cheia vão diminuindo, evacuando-se para o grande Rio Paraguai e este, por ser um “rio serpenteado” recebe toda a pujança da vazante e encaminha para o sul do continente até formar com o Rio Paraná e o Rio Uruguai o estuário do Prata, entre a Argentina e o Uruguai.

Durante esse período, as águas perdem a cor barrenta da época da cheia tornado-as mais claras matizando uma beleza reluzente e é nessa época que aparecem tanto nos rios, nas lagoas e nos corixos pequenos bancos de areia ou baixios, como são conhecidos devido a sua protuberância embranquecida e “improvisada” no meio desses veios aquáticos.

No começo da vazante, os bancos de areia ou baixios estão lá “palpitando no meio das águas”. Quem passa por perto de barco ou canoa não consegue resistir e conter a vontade louca de pisar naquela coisa bela que mais parece uma praiazinha e muitas vezes deixando se levar pelo ímpeto corpóreo; logo para pra refrescar tomando um “banhozinho” rápido e, por um breve momento, se livrar do calorão e da baixa umidade do ar que nessa época a região parece um a “Saara verde-musgo”.

Passando alguns dias vai avançando a estiagem e os bancos de areias vão aumentando, se avolumando e ao mesmo tempo recebendo muitos materiais aquáticos principalmente vegetais, galho seco e resto de aguapé que estavam “dançando e rodando na correnteza”. Essas coisas todas se agarram neles e, então, no local desenvolvem vários tipos de vegetações que vão formando umas espécies de

“ilha falsa” que é conhecida pelos ribeirinhos como “batume”, em virtude do acúmulo desses materiais nos baixios. As capivaras, os baguaris, os frangos-d’água, as garças, as cobras, os jacarés e tantos outros pequenos animais fazem guarita no “batume”.

Logo que termina o período da seca e começa a época da cheia, as águas se avolumam e começam a se movimentar na região. O “batume”, por sua vez, se desfaz devido ao seu peso ser mais leve que a água e, em seguida “desprega” do enraizamento que se formou no banco de areia durante o período da vazante e se esvai rodando e levando tudo que se encontra em cima, isto é, tudo que estava agarrado na “ilha falsa” ou, melhor, no batume.

O dito pantaneiro “amarrar canoa no batume” é se iludir com as coisas do mundo, da vida, não prestar atenção nos pequenos detalhes que o dia a dia nos mostra, acreditar na beleza eterna e nas pessoas erradas criando uma série de “batumes” no horizonte psicológico e que mais tarde “a cheia vai levar embora rio abaixo”.

Confusão de Santos de fé

O cantor e compositor Domingão da pequena cidade de Santo Antônio de Leverger contou “o rolo” que aconteceu na festa de S. João da família Barros, e foi mais ou menos assim que ele mesmo me contou:

— “... Tava todo mundo dançano o rasqueadão, a festa tava infruiiida, djá tchegano meia-noite quando foi imhora a luz e o pessoá, começa a fazê um aranze danado. Depois meia hora de espera, o festero tchamô o otro e falô:

— Compadre Virgílio, bamo largá de ficá nesse tchafurdo no escuridão e levá logo o São Djão pra bêra do rio, essa luz num tá co cara que vai vorta. Reuni todo mundo, acende vela, bota a tcharanga pra tocá e bamos pra bêra do rio, lavá o pé do Santo, vortamos com o andor e depois acabamos com a festa e cada um vai pro tchuás casa.

— Eu atcho mesmo que ocê tem razão compadre! Djá faz hora que essa luz tavá pra vir, conforme me falô o atendente da Cemat.

Em comum acordo começaram o processo para dar seguimento à festança como manda a tradição.

Colocaram a imagem de São João no andor e formaram a procissão em direção ao rio Cuiabá e lá foram todos caminhando com vela acesa e cantarolando junto a charanga que vai sempre no meio da procissão tocando o Hino de São João e os devotos cantado:

“Deus te salve João Batista Sagrado,
O seu nascimento nos tem alegrado.
Se São João soubesse que hoje era seu dia,
Descia do céu à terra com prazer e alegria.
João batiza Cristo, Cristo batiza João,
Ambos foram batizados no rio Jordão”.

Chegando à beira do rio, quando arriaram o andor, o compadre Virgílio percebeu algo errado e falou para o compadre Barros.

— Ih! Compadre, nós trazemos o santo errado. Este aqui é São Sebastião. E o outro respondeu reclamando.

— Tamém! Naquela escuridão danada que tava que nem um breu, o “artar tamém tchêio” de santo, eu nem reparei direito... e agora como é que bamos fazê? – perguntou um olhando para o outro.

— Háá! Ninguém tá veno mesmo, lava o pé desse aí e bamo simbora, chomano!

Fizeram a arrumação com o máximo de cuidado pra ninguém desconfiar e colocaram a procissão de volta com a charanga tocando, soltado fogos e todo mundo cantado. A escuridão estava bem maior, visto que maioria das velas que levaram já havia acabado.

Quando estavam entrando na cidade a energia volta e os postes foram acesos e deixa de novo tudo claro.

Como é comum em dia de festa de santo, as casas das famílias pantaneiras das cidades ribeirinhas ficam acordadas e abertas até terminar a festa, e nesse dia não foi diferente.

No momento em que a procissão passou com o andor em frente à casa de uma senhora idosa, ela perguntou para o neto que estava com ela na janela:

— Siminino, hodje não é noite de São Djão?

— É, vovó. Por quê? Num tá veno a procissão?

— Tô, mas esse São Djão tá tcheio de fretxinha na cacunda siminino!! parece que andaram por debatxo de bacaioval e deve te caído um tchumaço de catcho no andor.

Quando as horas eram “disputa”

No começo dos anos sessenta a fabricante japonesa dos famosos relógios Seiko havia acabado de lançar o relógio de quartzo que logo se espalhou pelo mundo todo por ter fama de ser muito preciso, dispensava o arcaico modelo que precisava dar corda, era prova d’água, enfim, era a coqueluche do momento e muito caro por sinal pra poder adquiri-lo.

Em Cáceres havia um senhor muito conhecido pelo apelido de “Antonio cutia”, típico peão pantaneiro que “desmontou”, termo usado para designar o título de ex-peão que para de trabalhar no campo e muda pra um ofício ligado ao que fazia antes. Ele não era muito alfabetizado, mas era esperto e conhecia muito bem o dinheiro, pois era dono de um açougue muito procurado pela clientela.

“Antonio cutia”, não sei a origem de sua alcunha, aparentava ter uns quarenta e cinco anos, mas era conhecido no meio popular por gostar nas horas vagas de um “bom trago”, jogo de truco espanhol, corrida de cavalo e “campeá muié”, como ele mesmo dizia dando seu risadão sarcástico de bonachão de bem com a vida.

Quando minha mãe me mandava comprar carne no seu açougue, e eu chegava lá em torno das nove horas, ele dizia em tom reprovador:

— Eh guri! Essas horas que “oce tchega” e qué ainda levá carne de primera pra chuá mãe? Agora “djá” num tem mais nada... E agora o que que “tá” pra fazê? Depois “chuá mãe vem “falá” pra mim que mandei só “rebotaiio” do açougue pra ela – continuava ele me apoquentando, porém eu não falava nada porque naquele tempo criança nunca tinha razão.

Enquanto ele tentava “arrumar” alguma parte de carne boa para eu levar para casa e contentar a minha mãe, ele se volta a conversar com outro peão que já estava lá quando cheguei. Era um ginete das corridas de cancha dupla, como falava lá na fronteira.

— O “Baio Leque” do Dorileu “num vai corrê esta semana” – dizia o “Antonio cutia”, enquanto cortava a carne e o outro surpreso com a notícia então respondeu:

— “Ago! Por que chô? Algum pobrema? Ele é o maió campeão do momento... duvido que vai tê cavalo “cantchero” melhor que ele no domingo que vem lá na “Cantcha da Linha de Tiro”, “chô Antonio!” – respondeu o peão surpreso e prognosticando o futuro dos fatos nas próximas corridas do fim de semana.

— É que o Baio Leque “matchucô a pata diantera e o Dorileu num qué perigá perde, ne? – informou Antonio.

Quando ele terminou de “arrumar” a minha carne e me entregou prendida no “gancho” (um utensílio da época pra carregar a carne *in natura* comprada nos açougues e que todos tinham que levar quando fosse nos açougues), foi que prestei atenção no seu punho onde estampava um lindo e novíssimo relógio Seiko. Então eu disse pra ele que era um bom relógio.

O peão também viu e ficou maravilhado e, com a maior naturalidade perguntou as horas pra ele dizendo:

— Quantas horas aí no seu Seiko, “chô Antonio?

Ele olhou para o relógio, mas não sabia ler as horas; então respondeu no seu entender sorrindo:

— “Iiuh...O pau tá quebrano!

O outro sem entender contestou.

— Mas por que chô Antonio?

E ele ainda olhando o relógio reagiu:

— “O pontero catchiri qué passá na frente do grandão”.

“Nem bem morto e já esfolado”

Dito popular pantaneiro

No meio antropológico pantaneiro não há espaço para cordialidades desnecessárias, tampouco comentar ou se referir o óbvio naquilo que está fazendo. Tudo e todos vivem conectados na realidade presente que dispensa costumes das frivolidades da educação europeia.

Quando chega uma visita na fazenda depois das dez horas da manhã e fica conversando com os donos da fazenda ou a senhora sua esposa, tratando de coisas de algum interesse em comum, isto é: Assuntos que têm a ver tanto com o fazendeiro quanto o visitante e enquanto o tempo passa e as horas vão se aproximando ao meio dia, nem o fazendeiro ou sua esposa convidam o visitante para almoçar, muito menos quem está preparando a almoço pergunta aos donos da fazenda se o visitante vai almoçar, como é de costume nas cidades. Chegando a hora do almoço só escuta uma voz bem impostada vinda da porta da sala onde estão conversando da pessoa que está fazendo o almoço.

— Djá tá na mesa!

Tanto o visitante quanto o dono da fazenda continuam conversando e se dirigindo a mesa posta onde outras pessoas vão chegando, sentando e almoçando. Não há hierarquia de classe. Cada um vai se servindo e se levantando logo após ter terminado de comer. É como se o almoço fizesse parte do desenrolar das coisas do dia a dia.

É tradicional todo pantaneiro trazer guardado consigo na guaiaca além da faca, chaira, revólver e um ferrão de arraia pra acabar com dor de dente. O artefato tem um antídoto natural e eficaz que estanca a dor como se fosse um anestésico. Se uma pessoa está se queixando de dor de dente e o pantaneiro estando por perto e percebe, ele tira o ferrão de arraia da guaiaca e diz:

— Tchússa ele co este! – o pantaneiro faz a sugestão e, já colocando o objeto na mão da pessoa, um velho gesto indígena no qual a fala acompanha a ação.

Esse costume é um legado que continua até hoje e está enraizado em todos os outros setores da personalidade do povo pantaneiro. Não há tempo pra “fazer buraco n’água”, como eles dizem. Conclusão: O óbvio é uma síncope que já nasce esfolado no Pantanal.

Contam que na região pantaneira da cidade de Mimoso, um caso que aconteceu há muito tempo:

Havia um senhor muito popular na região que se encontrava muito doente e os familiares viram que ele não ia passar daquela noite, então fizeram uma chamada geral aos outros parentes, inclusive ao padre local e este, por sua vez, sempre já acostumado com esse tipo de situação, já vem preparado com a vela pra acender e colocar na mão do moribundo na hora da morte, um costume que eu cansei de presenciar quando era criança lá em Cáceres.

O entardecer já começava e a casa também já estava cheia de pessoas participando da vigília, tanto os familiares quanto os parentes e amigos. Alguns choravam e outros lastimavam certos cuidados que moribundo deveria ter tomado em vida com a saúde e a noite na casa em questão vai se tornando praticamente um “velório antecipado”. Certa hora da noite o moribundo que se encontrava deitado na sua cama do seu quarto olha ao redor e não vendo sua esposa Dita no meio dos que estavam ali perto da sua cama, pergunta aos presentes:

— Cadê Dita?

Todos olham ao redor e não dizem nada; então uma voz de uma criança responde:

— Eu atcho que ela tá na cozinha, vovô! – responde seu neto.

— Siminino, vai lá tchama ela! Ordenou o moribundo para o neto.

O guri sai em direção à cozinha, lá chegando vai logo dizendo para a avó que o avô está pedindo a presença dela lá no quarto.

Ela diz para o neto que logo iria, assim que terminasse de fazer os bolinhos que estava preparando para o “tchá co bolo” da noite.

O neto volta para o quarto e passa o recado para o avô que fica todo animado e pede para o neto voltar lá e dizer pra ela que ele quer comer um bolinho que ela está fazendo antes de dar “seu último suspiro” – expressão usada na região quando a pessoa morre e o guri volta até a cozinha e diz para a avó o recado fatídico.

— Vovó ele falô pra senhora levá um bolinho pra ele, que ele qué come antes de dar o último suspiro. A senhora olha para o menino séria, se agacha a altura dele e diz:

— Fala pra ele tratá de morre logo, porque estes bolinhos djá é pro velório dele.

Angu de carço... Enquanto tá quente...!

Dito popular pantaneiro

Há muitas expressões populares brasileiras já bem conhecidas, como “farinha pouca, meu pirão primeiro” ou “filhote de onça já nasce pintado”; porém, este dito popular encerra muita coisa, e eu levei muito tempo pra entender. Somente compreendi mesmo foi quando aconteceu um fato comigo quando estudava no Colégio Estadual Onze de Março lá em Cáceres.

“Estava eu um dia em casa conversando com minha mãe Maria de Lima Pinho, numa das tardes ensolaradas cacerense, devia ter uns 15 anos. Disse a ela, então, que não fui bem na prova mensal de matemática, visto que meu pai era professor da matéria, porém, ele não era meu professor porque eu ainda cursava o ginásio e ele lecionava somente para o colegial, que era chamado na época de científico, depois mudaram para colegial e hoje é Ensino Médio.

Minha mãe, mulher pantaneira esperta, sabia que meu pai iria me colocar de castigo se ele soubesse do ocorrido. Então ela me aconselhou a contar o mais rápido pra ele antes que o boletim viesse pra ele assinar, no qual ele iria constatar a minha falha e exasperar-se, o que seria bem pior para mim. Porém, ela me advertiu pra explicar a minha falha e pedir para ele que a prova aconteceu num dia em que eu havia passado mal e fui dispensado mais cedo e, que estaria disposto a tirar as dúvidas da matéria com ele.

Ainda relutei a fazer aquilo que minha mãe armou, pois conhecia muito bem meu pai e sabia que mesmo usando a artimanha que ela me propôs a fazer, ele poderia querer me castigar de alguma forma, mas acabei prometendo a ela que faria, afinal não havia outra saída pra mim, já que ele iria ficar sabendo de qualquer forma por causa do boletim que ele teria que assinar. Como eu tinha e ainda tenho muita cumplicidade com minha mãe, fui em frente com o plano armado por ela.

No outro dia de manhã, com toda a família sentada na mesa na hora do café, comecei a contar para o meu pai a falha na prova de matemática e meus irmãos ouvindo calados e com vontade de rir. Meu pai ouvia tudo enquanto comia um pedaço de pão com manteiga e tomava chá de erva mate queimado olhando sério para mim. relatei tudo conforme a instrução da minha mãe e no final propus a ele que me tirasse as dúvidas.

Ele logo após me ouvir foi deliberando e dizendo:

— Bem! Hoje vou sair mais cedo, então vamos tirar suas dúvidas, combinado?

Concordei com ele e respondi que sim. Minha mãe piscou e olhou para mim começando a sorrir, meu pai vendo o sorriso dela não comentou nada, mas logo desconfiou que ela estava por trás daquilo.

Depois que meu pai saiu para dar aula do período da manhã, eu fui agradecer a ela e perguntei como ela sabia que meu pai não iria zangar comigo contando pra ele o ocorrido antes que o boletim chegasse à ele ou mesmo que vazasse o fato e todo o colégio soubesse da minha reprovação da matéria e comentasse com ele. Ela olhou pra mim e me disse sorrindo:

— Angu de carço... Enquanto tá quente!

Conversa de “bolicho” em Mimoso

Era final do ano 1994 do século passado eu havia sido convidado pelo cineasta Joel Leão para participar da produção cinematográfica do seu projeto intitulado “Rondon, o Último dos Bandeirantes” e, por questão de critério do diretor o qual queria originalidade nas filmagens, as gravações seriam no município pantaneiro de Mimoso, terra natal do grande baluarte das comunicações.

Depois de terminar meus trabalhos musicais na capital Cuiabá, viajei para lá visto que a equipe da produção já se encontrava no local com o set de filmagem instalado e trabalhando em pleno vapor há uma semana.

Viajei com meu amigo Chiquito Alencastro e sua esposa que também iriam participar como figurantes na produção. Depois de andar quase sete horas de carro na antiga estrada que sai da serra de São Vicente, chegamos no local do set, o qual estava armado na Pousada do Mutum, há dez quilômetros do município de Mimoso.

Apos três dias de trabalho no local, a comissão recebeu um comunicado do cerimonial do governador que nessa época era então, o grande personagem das Diretas Já, Dante Martins de Oliveira, que convidou todos os envolvidos com a produção para participar da chegada e visita a Mimoso do ministro do Turismo da época, o paranaense Rafael Grecca que veria junto da comitiva do governo da Capital para fundamentar o início dos trabalhos do Museu Rondon, obra que seria de grande porte turístico para a região.

Eram mais ou menos sete horas da manhã quando saímos do set em direção ao município. Chegando lá, vimos que o pequeno

local já estava desde cedo agitado, havia gente de vários povoados circunvizinhos e a maciça presença da criançada das escolas locais.

Logo que eu e os outros desembarcamos da van, fui ao único comércio do local, o “bolicho” do Gaúcho, que fica bem na esquina da rua principal da cidade. Era exatamente aquele velho armazém de antigamente que vendia de tudo, desde fumo de rolo até as velhas camas de campanha que “rinchavam depois de velha” e que era comum todos dizerem que fazer sexo nelas era “o mesmo que trepar ouvindo relincho de égua no cio”, porque eram feitas com molas de ferro e com o tempo chuvoso e úmido logo enferrujavam.

Quando entrei no recinto, parecia ter entrado num set de produção de filmes faroeste antigo. Muitos peões conversando em voz alta, fumando, bebendo cachaça e dando risada e o “Gaúcho”, dono do “bolinho”, também se divertia dando palpite no “falatório influído”. Pedi um “amargo” (pinga com raiz) o proprietário me serviu, encostei ao lado da janela escutando a conversa da peonada.

Passados alguns minutos, chegou um peão pantaneiro autêntico: Estatura mediana, bigode, chapéu de palha de carandá, camisa vermelha carmim abotoada abaixo do tórax, bombacha marrom, faixa pantaneira, guasca de couro cru pendurada no punho, bota salto carrapeta, faca, chaira e um revólver calibre 38 cano longo preso na guaiaca, aparentava ter uns quarenta e cinco anos. Após amarrar o cavalo na entrada do “bolicho”, caminhou para dentro em direção ao balcão, cumprimentando todos os presentes. Foi logo fazendo seu pedido com toda intimidade que tinha com o proprietário do “bolicho”.

— Dá um “carço” Gaúcho! O proprietário colocou a pinga no copo e se distraiu por um momento entretido com a conversa e as risadas dos outros que parecia mais algazarra de recreio escolar de adolescente.

O peão sem tomar a dose de cachaça pura, permaneceu acompanhando a distração do proprietário até que ele interveio e disse:

— Eh! Gaúcho tá esqueceno chomano? “Carcina o bitcho”!

O dono pede desculpa e busca uma garrafa do vermuth Cinzano, abre e coloca no copo do peão pra fazer a mistura. O peão bebe num trago só, agradece acenando com a cabeça e sai para um canto do recinto próximo de mim, pega da guaiaca o fumo de rolo e a palha para enrolar seu cigarro enquanto as conversas e as risadas continuavam porém, dessa vez já pautadas na sexualidade do ministro que iria estar na cidade a qualquer momento, o qual um deles disse ser ele “bundero”; outro dizia que muitos homens na história do mundo também foram bissexuais, mas deixaram grandes feitos na comunidade onde viveu; outro levanta a questão de que Mato Grosso já teve governador homossexual e que não houve nada de errado.

Enquanto eles comentavam o tema da homossexualidade do ministro e de outras histórias envolvidas com o bissexualismo no mundo, o peão recém-chegado, após terminar de fazer e acender seu “palheiro” prestando atenção e escutando a conversa, vai de novo ao balcão e pede outra dose do “carço”. Dessa vez o proprietário serviu completo e ele fez do mesmo jeito quando chegou, bebeu tudo de uma só vez, deu uma tragada no seu palheiro, olhou os presentes e indagou o proprietário em voz alta:

— Oh! Gaúcho! Ocê que é mais “instrumado” do que eu, me diga uma coisa: Por que que tem dgente neste mundo que estuda muiiiiito, vira dotô, fica rico e poderoso e depois resorve dá “o miseráve”?

Por uns segundos toda peonada que estava no “bolicho” ficou calada olhando um para cara do outro até que explodiram numa risada vocalizada.

O cantar do Jacuruto

Há muitos milênios quando o homem se afastou da magnificência da natureza e deixou de comer alimento cru, trocando-o pela comida processada em fogo, praticamente ele também perdeu a interação e a sintonia com a natureza, deixando de ser o chamado “homo in natura”. Isso explica que o mesmo rompeu com seu cordão umbilical instintual de autopreservação maior, virtude que os povos primitivos e os animais ainda conservam.

Meu pai me contou sobre um fato o qual participou ainda jovem quando saiu pra pescar com um senhor pantaneiro, que não me lembro o nome, no rio Sepotuba, um dos afluentes do rio Paraguai, onde aconteceu um episódio em sua vida que o marcou para sempre.

“Já tínhamos pegado muitos peixes e estávamos voltando pra entrar na barra do rio Paraguai e voltar para casa, porém não havíamos prestado a devida atenção na distância e tampouco no tempo que levamos até chegar no local onde estávamos pescando. Ficamos entretidos com a boa pesca, não nos preocupamos também com o tempo porque na volta iríamos descer o rio e, como diz o ditado popular, ‘na descida todo santo ajuda’, achávamos que chegaríamos ainda de dia em Cáceres. Mas houve outro contratempo que não observamos, era mês de junho, o dia era mais curto e estava chegando o solstício de inverno e, para completar era noite de lua nova, o céu estaria totalmente escuro” – relatou ele.

Meu pai foi marinheiro em Corumbá. Nesse tempo era solteiro, estava de férias e sabia perfeitamente que navegar durante a noite em água doce é muito perigoso. Seu companheiro que estava junto corroborava com a ideia porque era filho de índio, e para o índio a noite é sagrada e as águas dos rios muito mais.

“Resolvemos então, encostar o batelão num barranco pra armar rede e dormirmos. Sairíamos no outro dia pela manhã. Após tudo acertado, eu e ele deitados cada um em suas respectivas redes,

fumando, conversando e esperando o sono chegar, pois estávamos cansados visto que saímos de Cáceres muito cedo e remamos quase a metade do dia, rio acima nos dois rios” – continuou ele.

“Ficamos contando casos um para o outro, tal como se estivéssemos em um acampamento militar e quando a conversa vai ficando lenta um dos dois adormecem e não responde mais, então o outro percebe e procura dormir também” – seguia ele lembrando o fato.

Quando meu pai começou a adormecer, seu companheiro ainda conversava falando baixo, e nesse momento algo estranho aconteceu. Segue meu pai relatando e fazendo empatia com a veracidade temporal do ocorrido.

“De repente, meu companheiro levantou, me chamou insistindo pra que eu levantasse rápido, então percebi que ele não estava mais deitado e que se encontrava em pé e foi logo me dizendo:

— Este lugar tem onça, chô Tuti! Bão bora! Bamo procurá no escuro mesmo otra barranquera pra dgente dormi... né – falando e, ao mesmo tempo, já desarmando a rede e, como todos nós sabemos, índio quando fala ele já está fazendo.

Eu, por minha vez só fiz acompanhá-lo; não havia tempo para discutir com ele, pois era um senhor acostumado com as sutilezas empíricas da natureza. Então perguntei naquele momento pra ele como sabia que havia onça naquele lugar? Ele sem parar de juntar suas coisas, me respondeu:

— Quando eu vi que ocê tava djá meio dormino, eu ainda tava ainda acordado e foi quando escutei o canto do Jacurutu, me avisano de uma onça e pelo djeito que o bicho cantô me alertano... É uma pintada e tá vino pra nossas banda, por isso bão bora antes que ela pega nós aqui conversano.

Logo que acabamos de empurrar o pesado batelão e saímos da barranca, ouvimos o rosno da onça pintada, que logo apareceu na ponta do barranco onde estávamos” – concluiu ele.

A sincronidade guarani-pantaneira

Era começo do mês de abril do ano de 1982. Encontrava-me dentro de um ônibus numa noite fria a caminho de Asunción, capital do Paraguai. Nessa época, morava em São Paulo, capital, e estava de férias do trabalho, então, resolvi pesquisar as raízes do rasqueado e também conhecer pela primeira vez meus vizinhos latino-americanos, exercitar meu castelhano e guarani, que estavam mais pra cantoria e literatura do que conversação.

Quando cheguei à capital Guarani, eram nove horas da manhã e uma loja de disco tocava a clássica polca paraguaia “Che Pyjhare Mombyry” (Minha Noite Distante). Nesse momento, senti que não estava mais no Brasil e fui para um hotel ali perto para que no outro dia fosse procurar o endereço da família Rodriguez Correa, o qual eu tinha amizade com um dos filhos que morava no Rio de Janeiro.

Após passar dez dias em Asunción visitando museus, casa de cultura, comprando livros, fitas K-7 e à noite, é claro, tocando, farreando e fazendo serenata (coisa muito comum lá até hoje) com os novos amigos da família. Quando resolvi seguir viagem, houve protesto deles me perguntando o que eu ia fazer na terra dos “curepa” (argentino em guarani), se lá estava em guerra com a Inglaterra, mas eu já havia traçado minha viagem anteriormente, de qualquer maneira então eu iria para a Argentina e, num final de tarde, lá estava eu rodeado pelos novos amigos paraguaios ainda em protesto no Terminal Rodoviário da Capital.

O sol estava se pondo e o Fermi, um dos mais mulherengos me disse:

— *Mbaerapa ne yá puru-u ni peteí paraguaiá kuña?* (Por que você não comeu nenhuma mulher paraguaia?).

Respondi que estava bem, que tinha namorada no Brasil e que talvez na próxima vez teria mais sorte com as mulheres para-

guaiaias. Então Fermi abriu a carteira de documento e sacou de dentro uma pena de pássaro. Disse-me que tivesse uma dessa e que carregasse sempre essa pluma, que dava sorte com as mulheres. Então perguntei a ele de que pássaro era tal pluma e por que só ele tinha. Nesse momento todo, os outros que estavam me cercando ouviram a minha pergunta, como que ordenados, abriram suas carteiras e vi que era comum tal amuleto, pois todos eles tinham e me disseram em tom de coro:

— *Cabure-i pluma, para traer mujeres!* Ou melhor: Pena de caburé para atrair mulheres.

Achei a coletiva engraçada e a convicta crença de todos eles no amuleto, mas logo embarquei, o ônibus começou a sair e eu os ouvia cantando para mim a clássica música de despedida do folclore mexicano: Cielito Lindo.

O ônibus andou em torno de meia hora. Atravessamos o rio Pilcomayo, que separa os dois países, e paramos em Clorinda, a primeira cidade da Argentina. Eu estava agitado, pois havia tomado muito tererê. Então, busquei na minha mochila um dos livros que havia comprado na casa da cultura de Asunción para ler e esperar chegar o sono. Peguei o primeiro livro que veio na minha mão, um exemplar de coletânea de mitos, lendas e crendices chamado “Rio Lunado”. Comecei a folhear e achei uma lenda que me chamou a atenção – pois tratava-se da origem do jacaré e da vitória-régia – intitulada “Irupe”, nome da vitória-régia em guarani. Ao ler o texto senti-me transportado para aquele universo mítico no qual um índio chamado Y-a-caré (traduzido: o que anda sobre a superfície da água) tinha esse nome por ser ele um bom nadador. O texto conta que ele havia voltado da lendária terra de Paititi que, segundo a lenda, era um lugar onde havia muitas pedras preciosas e ouro e, este estava contando a outros índios sua saga por lá e os perigos do qual ele passou e conseguiu sobreviver, porque no local havia um guardião dos tesouros, um temível monstro sagrado chamado Teyú-yaguá que tinha o corpo de lagarto e a cabeça de onça e

quem ousasse fixar nos olhos dele, o corpo endurecia e morria imediatamente. Y-a-caré disse que foi protegido pelas pinturas do corpo e pela convicção de sua missão e, por causa disso, não lhe aconteceu nada.

A aldeia estava em festa. Quando começou a cerimônia de libação daquela noite, as índias virgens dançaram em torno da fogueira, e Y-a-caré havia bebido muito cauy (bebida alcoólica feita da fermentação de saliva e mandioca) e os meneios de uma das índias virgens lhe chamou atenção. Ele não se contendo por mais que os outros companheiros lhe dissesse que as índias Maráhyhyvas (as sem manchas), no caso dela, não podiam ser tocadas por nenhum homem, mas mesmo assim após a cerimônia ele foi buscar a índia, porque sentiu durante a cerimonia que ela também correspondeu com seus anseios e ele queria uma Iru-pe (companheira) para ele.

A índia sentindo que ia ser complacente de seus desejos com aquele que lhe impressionou durante a dança, fugiu dele porque sabia que seria danoso para si caso aceitasse entregar-se ao desejo, correndo para dentro da floresta até chegar à beira do rio Paraguai. Como era noite, e índio não entra no rio à noite, mas não havia outra alternativa a não ser atravessar o rio, ela então pediu proteção a Eichú (constelação das sete Maria) e, agarrando firmemente nos seus amuletos prendidos em seu corpo, atirou-se no rio. O seu perseguidor vendo-a pular no rio disse pra si mesmo que ela seria possuída ali mesmo, porque era o seu meio, no qual ele era o supremo nadador e, sem qualquer receio, Y-a-caré atirou-se também no rio.

Ao aproximar-se da índia, agarrou-a, mas ao constatar na escuridão da noite viu que era uma Y-yaryc (mãe d'água) e continuou buscando no meio de camalotes e outras plantas aquáticas, passou a noite toda sem conseguir encontrar nem o corpo morto da índia. Não voltou à aldeia, passou o dia todo à beira do rio com olhar fixo nas águas, sentindo-se humilhado e, por mais que outros companheiros o chamasse, não os atendia e continuava fixo

com olhar no rio. Às vezes, quando via qualquer coisa flutuando na água, pulava no rio na esperança de ver a sua pretendida Iru-pe, mas o que ele não sabia era que a índia ao pedir proteção da Eichú, foi transformada na planta aquática nativa do rio Paraguai: A vitória-régia.

Passou um mês e a depressão tomou conta de Y-a-caré. Em sua fragilidade psicológica, fez acender a sombra do olhar maligno de Teyú-Yaguá, o qual ele havia sido submetido quando enfrentou o monstro em sua aventura na cidade Paititi, como se ele fosse acometido de novo pelo olhar peçonhento do monstro e, como num efeito somático e lento de um rizoma, seu corpo começou a enrijecer, seus olhos saltaram para fora da órbita, em razão da fixação do olhar no rio. Aconteceu assim a metamorfose, transformando-o no réptil mais comum do rio Paraguai: O jacaré.

Quanto a sua obstinação em busca de sua magnífica Iru-pe, ela não acabou até hoje. Por isso, o jacaré vive o tempo todo fixo no rio e toda hora parece ver alguma coisa e mergulha em busca e, em seguida, volta para a margem que de vez em quando está repleta de vitória-régia. O texto termina com esse toque arquetípico do hábito instintual do réptil.

Os detalhes da descrição dos textos em espanhol e às vezes em guarani me encantaram tanto que parecia ouvir sons de toda descrição do texto. Continuei a ler mais tópicos do livro até que encontrei a lenda do pássaro Cabure-i. No título está Kaure-i porque na formação histórica do idioma Yopará (mistura do idioma espanhol/guarani, hoje é o mais falado no Paraguai) a gramática nativa sofreu muitas alterações na construção sonora latina, em que algumas palavras guarani foram “arrumadas” para soar melhor, tal como aconteceu também com muitas palavras indígenas em nosso português, como waraná virou guaraná, Ybirá-pora ficou Ibirapuera, guara-tape (caminho de lobo) é hoje Guararapes etc.

Comecei a ler essa outra narração fantástica que talvez explicasse a ligação com o amuleto dos amigos de Asunción. Conta

a credice sobre outra tragédia surreal que começa quando uma tribo do norte chamada Kinda-krin invade a outra facção chamada Guairá-ye e roubam a esposa do cacique, uma índia da facção Mbyá, da tribo mais esotérica dos guarani.

A índia depois de presa é conduzida pela floresta; porém, ela consegue escapar e quando os seus raptos deram conta, ela já havia desaparecido, então começam a buscá-la, mas nesse ínterim ela já havia se distanciado muito dos seus perseguidores e se encontrava numa clareira onde morava um pajé numa choupana, de nome Atuarasá, um grande avatar que tinha o apelido de Arandú-ête-ymá, isto é, aquele que conhece os segredos da natureza.

Logo que a índia apareceu, o velho mago a reconheceu, já sabendo quem era aquela jovem e do que se tratava e, antes mesmo que ela falasse qualquer coisa, ele bafou seu cachimbo três vezes e mandou uma mensagem telepática para seu marido, o cacique Guaíra-vá, que se encontrava ausente da aldeia quando ouve a invasão da tribo Kinda-krin.

A jovem Mbyá, então pede para ele escondê-la de algum modo, porque logo seu perseguidores chegariam ali. O velho pajé manda a índia se deitar no chão, faz alguns gestos, murmura algumas palavras, depois joga ervas de incenso no fogo, toca a maraca, dá grandes bafadas no seu cachimbo e sopra a fumaça para misturar com a do incenso e, repentinamente a índia desaparece no meio da fumaceira que se formou. Porém, os captos viram de longe a índia ainda deitada no chão por causa da moradia do mago que só tinha uma parede. Então, eles invadem o local, espancando o velho pajé e perguntando sobre a índia Mbyá. Nessa momento acontece a fatalidade; o ancião não aguenta os ferimentos e morre. Eles se perdem na celeuma formada e, enquanto discutem o que irão falar para o seu superior, são surpreendidos pela chegada do cacique Guaíra-vá com grande número de guerreiros que logo aprisionam todos e começa a perguntar onde está sua esposa. Não tendo resposta, vai mutilando um por um até que um deles diz

que viu a índia deitada ali, mas quando eles invadiram o local ela já havia desaparecido e, que eles encontraram o pequeno pássaro que estava pousado no toco da choupana e o feiticeiro morto por eles, diz o prisioneiro apontando para a avezinha que logo sai do toco e pousa no ombro do cacique.

Naquele instante foi que Guaíra-vá notou a presença do pequeno pássaro e olhou com atenção as cores da ave e com os olhos cheios de ternura fixando-se nele. Porém, quando a avezinha canta, ele percebe que tem o mesmo timbre da voz de sua amada. Ele olha para o corpo do pajé morto e fica ciente do que houve e percebe que somente o ancião poderia desfazer a magia. Decide então levar a ave consigo. Chegando à aldeia, entrega o pássaro a sua servidora dizendo que o nome do passarinho é Kaure-i (pequeno ser aprisionado) e que deveria cuidar bem da ave. A senhora pergunta se era a sua amada que estava transformada naquela ave, mas ele não a responde.

Guaíra-vá fica desolado, tristonho e não procura uma nova esposa, o que é comum na cultura dos guaranis e, por mais que muitas jovens insinuassem sinais para ele, nada acontecia; só ficava na sua oca junto ao pequeno pássaro.

Depois de algumas semanas, as jovens da aldeia se reuniram e concluíram que o cacique estava sofrendo algum tipo de mal e três delas decidem buscar conselho e ajuda com a poderosa maga feiticeira Ybytú-rusú (nome este o qual o poeta Manuel Ortiz Guerrero cita na letra original da música “Índia”), e a grande sacerdotisa diz para as três mulheres que se elas tirassem e usassem no corpo uma pena do pequeno pássaro que estava na oca do cacique, isso o faria a se interessar por elas.

O conselho da maga é seguido e dá certo. Então, todas as mulheres da aldeia começam a usar o sortilégio e o cacique torna-se um macho tribal copulando tanto com mulheres jovens e bonitas como feias, desde que portasse a pena da ave. Com esse comportamento, ele afastou-se de sua oca, deixando o pequeno pássaro

exposto e, consequentemente, sendo depenado pelas mãos de várias outras mulheres que ficaram sabendo do fato e que não mediam consequências ao tirar a pena da ave para ter o seu momento de glória erótica.

Kaure-i fica tão fraca e adoece. Sai da oca caminhando com dificuldade, buscando seu único amor que já não estava mais por perto dela e acaba morrendo no meio do pátio da aldeia quase já sem nenhuma pena. E a fantástica história por meio da oralidade cultural tornou-se símbolo da magia da sedução, e a pluma, um amuleto eficaz.

No antro do imaginário tudo perde sua propriedade, o som da música não só se ouve, mas também nos toca, tal como um poema que nos induz a vislumbrar e buscar nas dobras das entrelinhas de cada palavra um célere prazer “lítero-orgásmico”, enquanto nessa mesma imensidão peculiar toda régua cartesiana distorce suas métricas e as sombras têm mais cores do que imaginamos. Sentimos como se estivéssemos lendo e atuando ao mesmo tempo numa peça de teatro de uma obra a qual nunca foi escrita ou mesmo que nos transfigurássemos para sentirmos como se estivéssemos simultaneamente em algures atemporal tocando as teclas de uma máquina de escrever fazendo “tic tacs” ou mesmo na de um computador e seu mudo digitar. É como se a nossa alma conectasse o vórtice da inspiração e a mesma se encontrava em outro algures escrevendo essa mesma história sem fim e que também não teve começo.

Parece desconexo tudo isso, mas é esse estado alterado de consciência que nos possibilita participar do hemisfério do lado mítico que todos nós temos e na medida em que um mito ou uma credence torna-se banal transforma num estático signo, perdendo sua multivacidade na formação do imaginário de uma cultura. Lembrei-me do poeta Manoel de Barros, quando disse: “... o rio que fazia uma volta atrás da nossa casa era a imagem de uma cobra de vidro mole... passou um homem e disse: Essa

volta que o rio faz... se chama enseada... não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás da casa. Era uma enseada. Acho que o nome empobreceu a imagem”.

Cinco anos depois, estava eu morando em Cuiabá e havia naquele tempo muitos programas de entrevista. Certo dia eu assistia um deles, o Programa Vitrine da TV-Centro América, que entrevistava um casal de fotógrafos holandeses que haviam fotografado os bichos do Pantanal e o entrevistador perguntou a eles qual dos bichos do Pantanal impressionou-os mais, e a mulher foi enfática respondendo que foi o jacaré e que ela não entendia por que o réptil estava sempre próximo ou junto de uma vitória-régia.

Lembrei-me na mesma hora da lenda e vi pela primeira vez uma observação notável de um estrangeiro de outro continente, de outra cultura, vislumbrando inconscientemente uma história do imaginário estritamente autóctone da América e consagrando a minha experiência com o legado desse mito. Então pensei comigo mesmo: E se eles conhecessem a lenda? Como reagiriam?

Sabemos que nossas vidas são compostas de segmentos de vivências e, às vezes, racionais e convincentes. Porém, as que mais nos marcam são as chamadas “coincidências”, tanto as agradáveis quanto as desagradáveis e são elas que mais lembramos quando estamos num bate-papo, porque parece que temos uma relação masoquista com o mistério, amamos-o e ao mesmo tempo o tememos.

Passados alguns anos após o episódio dos fotógrafos holandeses, eu me encontrava na linda e gostosa fazenda Quatro Irmãos construída sobre palafitas de propriedade da minha diletta amiga pantaneira Oriana Paes de Barros situada à margem direita do rio Cuiabá, no município de Poconé, de frente a uma bela e grande curva de rio. Era sábado e dois amigos dela que moravam perto do corixo “Moquem” estavam passando por lá dizendo que iriam para Porto Cercado, pois lá haveria nessa noite uma grande festa e que a mulherada de Poconé iria “baixar por lá” para participar da festa de São Roque. Eu disse brincando no meio da conversa

que então iria “sobrar mulher” e um deles me disse que mesmo se não sobrasse estava “bem armado” e me mostrou na carteira uma pena de caburé e logo me perguntou se eu tinha uma, já que eu era filho de Cáceres, em seguida piscou o olho pra mim e cutucou “com uma indireta” o companheiro dele dizendo que o amuleto é só pra homem solteiro. O outro olhou pra ele e reagiu:

— “Ocê tá pensano que sô besta e que eu num trouxe a minha por causa da mea muié?” – vociferou o outro tirando a pena escondida no boné e dizendo:

— “Pois tá aqui, chomano! Quero vê tchegá no fim de festa e eu ficá “babano” que nem o padre”.

Dona Matilde

Foi a mulher cacerense a qual eu tive prazer de conhecer, conviver com ela e confesso de coração que foi a primeira pessoa mais irreverente, sem papas na língua que me demonstrou que o conceito freudiano de ego, superego e id só existe para uma sociedade frustrada e neurótica, como a nossa.

Era uma negra sarará de olhos verdes, voz eloquente e extremamente franca, inteligente e precisa na hora de decidir as coisas; porém, quando se tratava de botar apelido, xingar, comparar ou testemunhar qualquer coisa... saía de perto porque ela não perdia nem um pouquinho pra Dercy Gonçalves nem pra Liu Arruda. Era casada com um emigrante árabe chamado “seo” Nhôca Zattar, um comerciante também conhecido como “mascate”, pois seu comércio era fluvial que atendia a demanda da população ribeirinha e tiveram cinco filhos: Niardo, Miguel, Maria Luisa (Luizinha), Regina “Turca” e Ana Cristina. Pessoas maravilhosas que vivíamos juntos todos dias, pois éramos vizinhos.

Dona Matilde acordava cedo e sentava na porta de sua casa que dava de frente para a praça Duque de Caxias. Todos a conheciam e ela sempre cumprimentava as pessoas com seu jeito mais irreverente do tipo assim:

— E aí, cadela! Tá sumida... e chua mãe, como vai ? Cadê ela que num aparece, djá empenho de novo daquele “boca de chupá pau”?

Depois de algumas horas, passava outra pessoa que ela também tinha intimidade e ela começava de novo a sua “saudação peculiar” de bom dia.

— Djá vai dá, né, catchorra! Marido brocoió djá viadjô! Tá apressada! É cedo!

Às vezes, a pessoa dava risada e respondia a ela.

— Passo depois aí, Dona Matilde! Agora tô co pressa!

— É djá tá co cesso cumitchano, né, corna!

Estivesse por perto quem fosse Dona Matilde não mudava seu comportamento irreverente e singular. Parecia que na mente dela havia uma avenida ampla entre o consciente e o inconsciente, pois não era uma pessoa nervosa tampouco raivosa; pelo contrário, estava sempre de bom humor.

Quando chegava fim de semana, as minhas irmãs Iolanda e Artemis (Pequena) iam cedo para a casa dela pra, junto com suas duas filhas “Turca” e Luizinha, começarem a se preparar para o baile no clube UBSSC que ficava do outro lado da praça Duque de Caxias. Morávamos muito perto e isso facilitava o convívio entre as famílias. Enquanto as jovens estavam fazendo unha, botando bobes no cabelo, dando risada, conversando alto sobre seus respectivos paqueras, Dona Matilde interceptava a conversa e insinuava.

— Óia! Cambada de muierada ocia! Que hora que vai acabar esse tchafurdo co suas cara?... Parece que tão infeitano pro Príncipe Encantado... tchêga depois do baile ocês deixa seus paqueras tarado babano e quereno tafuiá a mão na boceta do cês e como é que vai ficá? Tá veno aquele matinho ali? – ela faz um gesto apontando o pequeno terreno baldio ao lado do Club – É o maior “batedô de punheta” depois do baile.

Certo dia ela foi na minha casa conversar com a minha mãe e naquele tempo era época da onda hippie e alguém havia de antemão conversado com ela sobre a ideologia do amor livre pregado pelos hippies e, como eu tinha fama de ser o “Hippie da cidade” por causa do meu cabelo comprido e roupas extravagantes que eu usava, na saída Dona Matilde me abordou e perguntou.

— Óia, Mirto, me explica uma coisa: Como que é esse negócio de “amor livre”? Deve ser bom, né? Ocê pode dá bunda no meio da rua, batê punheta, tchupá pau sem ninguém intrometê, não é isso, guri?

Eu e minha mãe começamos a rir e ela olhando e dando risada também, eu nem respondi pra ela porque qualquer coisa que você fosse explicar ela levava para o lado da sacanagem.

Era uma mulher adorada pelos amigos que não gostava da hipocrisia social, porque Dona Matilde era do tipo que olhava para as pessoas parecia que ela traspassava e se conectava com o sentir delas e fazia uma empatia psicológica de imediato, percebendo o que estava se passando com o indivíduo e logo queria ajudar, mas se o caso fosse ligado a casos amorosos e fosse conversar com ela, logo ela disparava.

— Pra que que ocê deu seu cesso de tchupetão pra ele? Agora aguenta corna, porque o salafrário tá lá amucambado co aquela sirigaita boliviana que mora lá pro lado do Rodeio e que passava todo dia por aqui... Ocê é besta mesmo!

Ela ficava sabendo de tudo que se passava na cidade, principalmente dos casos amorosos. Numa outra ocasião uma bela mulher amiga dela foi lá contar que sua irmã mais velha havia separado do marido e que “amigou” com outra jovem bem mais nova... Veja o comentário de Matilde.

— Eu sabia que ia acontece isso! Djá faz tempo chuá irmã passô por aqui e falô pra mim que o marido dela num tava mais “dano no coro”. Eu ainda perguntei pra ela se a piça do marido dela era grande e la me disse que sim e que duro parecia “pão de guaraná maues”. Eu dei conselho pra ela, pra fazer “banho de acento” de vez em quando com pedra Hume, mas parece que foi de “barda a tecer”.

Ela fica séria, olha pra interlocutora e concluiu:

— Chua irmã fico foló, mea fia! Nenhum homem qué sabê de boceta foló! Logo vai atrás das sirigaitas que “tá co fogo no candiero”!

Um dia minha mãe estava na casa dela pela manhã tratando sobre o aniversário de meu pai e, nesse momento, passa caminhando em frente a Praça uma jovem que era conhecida na cidade como garota de programa. Dona Matilde não a conhecia e minha mãe já sabia quem era a dita cuja. A moça toda vestida e pintada, minha mãe aponta pra a jovem e diz:

— Tá veno, Matilde! Essa que é a Laurinha que só ganha quatrocentos cruzeiros por noite.

Dona Matilde olhou, botou as duas mãos na cintura e ficou olhando pra jovem até ela desaparecer no meio da Praça e em seguida comentou.

— É Maria, eu acho que djá tô ficano escramentada co essas coisa.

Minha mãe não entendendo o que ela quis dizer, perguntou:

— Escramentada por que Matilde? E ela responde com um certo desalento.

— Oia Maria! É muito disparate! Eu recorcoveio toda noite na piça de Nhôca pra cuidar dessas crianças e ganhá esse feijão co arroz... inquanto essa piscuila que num tem nem bunda, numa noite djá ganha quatrocentos cruzeiro !!!

“... Bassa ba dentro!...”

No começo dos anos sessenta do século passado, Cáceres recebeu uma grande onda migratória de povos árabes vindo a maioria da cidade de Corumbá e dois países, Paraguai e Argentina, todos em sua maioria comerciantes, já falavam mais ou menos o espanhol e o português, pois já haviam vivido nesses lugares quando vieram de seus respectivos países do Oriente Médio, em razão da grande diáspora palestina depois da Segunda Guerra Mundial.

Ao desembarcarem na cidade, a maioria se instalou com suas casas comerciais na rua Coronel Faria, um dos principais veio do centro histórico, e isso acarretou mais tarde uma nova configuração no costume da rua porque diariamente nas tardes quentes cacerense da “rua dos turcos”, como ficou conhecida a Coronel Faria, o idioma que se ouvia era o árabe e, por indução da aculturação platina, todos tinham o hábito de tomar o tererê, o que plasmava naquelas tardes quentes um quadro sonoro do linguajar oriental com uma acentuação um tanto esdrúxula.

Sabemos que o idioma árabe não tem as letras “p” nem “g”, tampouco o som delas. E no idioma castelhano, a letra “v” é trocada pela letra “b”. Em virtude dessas e outras modulações das duas línguas, os imigrantes árabes usavam nas construções de suas frases muitos complementos anexados do castelhano das cidades platinas, lugares intermediários onde permaneceram antes de chegarem em Cáceres. A parafernália de idiomas, sons e sotaques aos quais foram submetidos deixou-os com uma comunicação singular que acontecia no dia a dia quando interagiam com a população cacerense.

Os árabes se sentiam à vontade com a alta temperatura pantaneira que era mais ou menos a mesma de seus países de origem. Por serem comerciantes, eram muito sociáveis e participavam de tudo; festas, esporte, pescaria, frequentavam cinema, etc. Meu irmão Dilson na sua adolescência trabalhou numa das lojas de um

deles, o senhor Kasser, e conviveu com a família, pois o árabe quando gosta de uma pessoa é amizade fiel até a morte.

Era muito comum a gente passar nessas tardes quentes na “rua dos turcos”, cumprimentá-los e ser também saudado por eles, que diziam assim:

— “Como bai raio, boce tá bom? (*Como vai, amigo ou irmão, você está bom?*).

Às vezes a gente parava para participar da roda do tererê deles e nos divertíamos muito quando passava uma mulher toda pintada e com roupas sensuais. Então, um olhava para o outro e exclamava:

— “Brostituta, no!”.

Uma vez meu irmão Dilson contou sobre a conversa de uma senhora cacerense que já era amiga da família do senhor Kasser, quando esta perguntou se a filhinha dele já havia se recuperado de uma infecção respiratória a qual a criança havia contraído e já tinha sido assistida pelo médico da família, mas ainda estava com febre. E a conversa foi assim:

— E aí “seo” Kasser, a Soraya já melhorou? – perguntou a senhora com ar de preocupação e demonstrando condolência para com a saúde da criança.

Ele responde meio chateado com o seu linguajar próprio:

— “Djá foi médico, djá tomo bastilha, pero até agora doente! No se breisa tomar mais bastilha” (*Já foi ao médico, já tomou pastilha (comprimido), mas até agora ainda está doente! Não sei se precisa tomar mais pastilha.*)

Um deles foi convidado pra ser padrinho de batismo do filho de uma família católica cacerense na Igreja Perpétuo Socorro, e o padre não havia chegado na igreja, estava atrasado, já passava das oito horas da manhã, o senhor Alíbia, como era conhecido, estava irrequieto e andava de lá pra cá, até que perdeu a compostura e começou a vociferar:

— “Buta bariu! Filhe de buta de badre que no vem... djá é oito hora!... Hora de abrí lodja e filhe de buta no abarece!... Assim vô

levá brajuízo”! (*Putá que pariu! Filho da puta de padre que não vem...já são oito hora!...Hora de abrir loja e filho da puta não aparece!...Assim vou levar prejuízo !*)

Apesar das modulações exóticas e cacófatos no linguajar, os palestinos fizeram parte e influenciaram muito a Princesinha do Paraguai e os sobrenomes eram muitos. Dos que me lembro, El Schammer (dono da Chalana), Gattas, Scaf, Atalá, Nassif, Quidá, Foad, Nasser, Mahamed, Rachid, Kasser, Zattar. Peço que me perdoem se escrevi alguns nomes de forma errada ou se esqueci de outros, mas o importante é o legado que a cultura árabe deixou em Cáceres, principalmente a culinária, a qual considero, depois da pantaneira, a melhor do mundo, porque até hoje festejo meu aniversário durante o dia, no almoço, com uma peixada ou um churrasco pantaneiro, e à noite, um quibe crú, assado, recheado com coalhada ou uma cafta, que vai muito bem com um bom arak.

Os filhos de todos eles estudavam em escolas públicas e já participavam da vida, das brincadeiras e também das maluquices dos jovens cacerenses, principalmente quando vinha a época de cheia em que o rio Paraguai fica volumoso e a baía que circunda a cidade fica “bufano” que, na linguagem pantaneira quer dizer com excesso de água. Então todos os jovens, “os machinhos cacerenses”, naquele tempo tinham como desafio pular do parapeito do cais do porto dentro do rio que dava uma altura de oito a dez metros de queda livre, ou atravessar o rio que estava mais largo na curva da boca da baía da antiga praia de Magalhães, a qual na estação de cheia ficava mais correntosa e ainda de quebra o desafiante teria que trazer uma folha de água-pé preso na boca para comprovar que foi até o camalote que formava do outro lado do Rio.

Era um contrato categórico com a classe juvenil da época para provar que era homem macho. Eu participei dessa última e, a correnteza me levou na volta com o água-pé na boca e tudo mais, até o antigo Porto dos Soldados, uma pequena enseada há uns trezentos metros do local que sai. Foi o jeito que consegui para retornar

à margem do rio. Ofegante, fiquei uns dez minutos prostrado na pequena praia até ter força pra levantar.

Mas o mérito maior dessas maluquices ficava para os que faziam o “espetáculo” no cais do porto, porque lá aglomerava muita gente, principalmente as jovens cacerenses que estudavam na mesma escola e que “os machinhos” gostavam de fazer graça. Um desses desafiantes era filho da comunidade árabe de nome Telê, rapaz bonito e muito envolvido com tudo que participávamos e seu pai, um dos comerciantes da “rua dos turcos”, já havia ralhado com ele por participar das “proezas” no cais do porto e o proibiu. Se fizesse, iria levar uma surra de cinto.

Proibir adolescente é o mesmo que dar conselho pra surdo. Num belo dia, o cais estava repleto de gente assistindo os pulos e lá estava o Telê participando e sendo aclamado pelos presentes com gritos e palmas. Seu pai logo foi comunicado pelas mães de outros rapazes que também participavam. Exasperado, ele pede para sua esposa ir buscar o filho Telê. A senhora então deslocou até o local para trazê-lo de volta para casa.

Quando a mãe e o filho voltavam e estavam chegando na frente da loja, lá estava o pai com olhar de desaprovação acompanhando a chegada deles com as mãos na cintura, insinuando para o filho que iria castigá-lo. Porém, este percebendo a intenção do pai, parou a uma certa distância enquanto a mãe seguiu em frente entrando na casa. O pai vendo o filho parado na calçada distante a alguns metros da loja ordena para ele dizendo:

— Bassa ba dentro Telê!

E o filho responde:

— O senhor vai me bater, não é mesmo?

O pai se indigna e ameaça dizendo:

— Telê !...Se no bassa ba dentro agora... Babai dá bunda!

Maria “Perna Grossa”

Há pessoas que nasceram com a alma bifurcada ou melhor explicando “com uma via de mão dupla” para a realidade material e o grande mistério extrafísico. Essas pessoas costumam ter em suas percepções duas possibilidades de acesso para sua consciência neste mundo e o portal de interligação desses dois mundos praticamente não existe. É como se o universo extrafísico e o mundo material para eles fossem a mesma realidade.

Relutei antes de escrever essa memória porque fez parte da minha história na qual participei duas vezes de algo surpreendente, a qual me deixou perplexo por vários anos e confesso que tal fato me colocou diante de algo inexplicável e inusitado e que o reflexo disso tudo fez parte substancial de minha vida e de minha carreira artística. O fato ocorreu assim:

“Eu havia me mudado pra Goiânia em janeiro de 1971, fui para lá estudar e trabalhar, pois a capital de Goiás e o Distrito Federal pareciam ter virado tendência maior para os mato-grossenses que não iam para o Rio de Janeiro e como lá havia o cacerense Alfredo Coutinho, amigo que já morava lá há alguns anos e Geraldo Pereira de Souza que se preparava para ir também para aquela Capital pensando em fazer vestibular, então me prontifiquei em ‘aventurar’. Digo isso porque não tinha experiência nenhuma e nunca havia saído do Estado. Estive somente em Corumbá por três meses no ano de 1963”.

Em suma, após seis meses morando em Goiânia, minha “aventura” naquela cidade já havia terminado. Após passar momentos bons e difíceis, sem conseguir emprego e vivendo de favores, estava de volta para Mato Grosso, sem nada para carregar além de algumas peças de roupas e a escova de dente.

Os colegas e amigos do colégio Presidente Costa e Silva, o qual eu havia passado no exame de seleção e estava cursando o antigo 2º Científico, fizeram uma “vaquinha” para eu poder comprar

a passagem de volta. Viajei no mesmo ônibus com um casal de cuiabanos que não me lembro o nome e que estavam vindo para Cuiabá. Eles moravam no velho bairro Terceiro (que a enchente de 1974 destruiu) e me convidaram para ficar lá até achar uma carona para Cáceres. Um de seus filhos, o mais velho, chamado Jairo, tinha um estande de frutas e legumes no Mercado Central e todos os dias eu o acompanhava em sua camionete até o Mercado para ver se algum amigo dele conseguiria a tal carona.

Após uma semana em Cuiabá, já havia andado muito na cidade e já conhecia muito bem o centro histórico, que ainda não tinha os calçadões e os primeiros ônibus só transitavam na tríade urbana, isto é, Cuiabá, Coxipó e Várzea Grande, era o que vinha escrito como destino na frente dos veículos.

Certo dia, estava eu numa tarde quente do mês de julho parado, sentado no ponto de ônibus na praça da República esperando o coletivo para voltar para o bairro Terceiro quando ouvi uma voz me chamando. Olho, então de lado e lá estava minha mãe com seu sorriso de felicidade por ter me visto após seis meses sem me ver, tampouco sem falar comigo. Foi a maior surpresa para mim, porque nunca imaginava encontrá-la em Cuiabá. Naquele tempo raramente alguma família tinha telefone e era o caso da minha, ela nem sabia que eu estava de volta, pois a última carta que havia mandado pra ela foi no mês de Março.

Então perguntei a ela o que estava fazendo em Cuiabá e como ela sabia que eu estava na cidade, se não havia dito a ninguém sobre a minha volta. E ela me respondeu que estava fazendo um tratamento com um médico da Capital e que estava muito preocupada comigo porque não mandei mais nenhuma carta, mas que acabava de consultar com uma vidente muito famosa chamada Maria Perna Grossa e esta havia dito a ela que eu não estava mais em Goiânia e que logo que ela saísse de lá da casa dela iria me encontrar naquele local e ainda deu detalhes do meu porte e a cor da roupa que eu estava vestido.

Fiquei tomado por uma alegria com gosto de mistério, não conseguia conceber que uma pessoa fosse capaz de antecipar um fato no futuro o qual eu era protagonista sem ao menos conhecê-la.

Minha mãe me disse que iria voltar para Cáceres no outro dia e que naquele momento eu teria que ir com ela no ônibus Circular que acabava de chegar no ponto que estávamos, para que eu ficasse sabendo onde ela estava hospedada, cujo lugar ela me disse ser a casa da família Magalhães de Cáceres, no antigo bairro Popular, hoje Goiabeira.

Fomos conversando e um tanto empolgados com tudo que havia acontecido. Porém, de repente, minha mãe levantou-se do acento do ônibus e disse:

— Vou descer aqui?

E me alertou que eu teria que voltar no outro dia e procurá-la naquele local. A perplexidade diante daquele fato me deixou tão extasiado que não anotei o endereço, pois estava tão imponderável com tudo aquilo que não me preocupei, voltei então para o Mercado Central e contei para o Jairo que havia encontrado a minha mãe e que no outro dia viajaria com ela para Cáceres. Ele ficou contente por ter dado tudo certo. Quando cheguei na casa dele, peguei minhas coisas e me despedi da família já que nessa noite eu iria à Exposição Agropecuária que acontecia todo ano nas cidades mais produtoras e depois da festa, que geralmente terminava de manhã, iria encontrar com minha mãe para viajarmos. Naquela época, o evento era feito na Avenida da FEB em Várzea Grande. Hoje chama-se Expoagro e é realizada em Cuiabá.

No dia seguinte, quando amanheceu, eu me encontrava sonolento caminhando na avenida Getúlio Vargas, após atravessar a ponte Júlio Müller e transitar pela Prainha, estava indo em direção onde havia combinado com minha mãe. Hoje lembro-me de que era a praça Clóvis Cardozo e que não havia nada além de umas árvorezinhas. Logo que cheguei no local, parei e lembrei-me de que não havia anotado o endereço da casa dos Magalhães e, de

repente, veio na minha cabeça o fato surpreendente da vidente Maria Perna Grossa. Então parei debaixo de uma das árvores da Praça e comecei a pensar em minha mãe. Depois de alguns minutos, levantei a cabeça com os olhos maldormidos e vejo-a do outro lado da Avenida, acenando para mim. Quando me aproximei dela perguntei de imediato como ela sabia que eu me encontrava naquela hora ali, e ela me respondeu que estava tomando café e repentinamente deixou a xícara e o pão com manteiga na mesa porque “sentiu um aviso” que eu havia chegado lá na praça.

Ao entrar na casa dos Magalhães, olhei a mesa e me deparei com a xícara e com o pedaço de pão meio comido; então constatei a veracidade do que ela havia me dito.

Por muito tempo esse fato ficou na minha cabeça, mudei no próximo ano para o Rio de Janeiro, depois voltei para Mato Grosso e morei em Várzea Grande, pois minha mãe, em razão de seu tratamento havia se mudado com meus irmãos para lá. Depois, fomos morar em Coxipó, onde nasceu minha única filha. Uma vez morando lá, quis muitas vezes conhecer a grande Vidente Cuiabana, mas nessa época eu tinha uma companheira, mãe da minha única filha, que era muito ciumenta e briguenta. Foi o último relacionamentoto sério que tive em toda minha vida, por causa dessa índole dela e outras coisas mais. Nos separamos em janeiro de 1976, quando me mudei para a capital de São Paulo, lugar onde tinha muitos amigos de infância e adolescência morando em Osasco.

Em São Paulo, estudei muito para terminar o colegial, depois fiz cursinho pré-vestibular, queria estudar Arquitetura na USP, depois desisti, porque tal curso só havia no período diurno; porém, durante o dia eu não podia, pois eu trabalhava. Comecei de novo então a tocar violão e a cantar nos fins de semana na noite paulistana, e foi quando recebi o apelido de Guapo, mas o misterioso fato da premonição da vidente Maria Perna Grossa, volta e meia ainda permeava na minha cabeça, como um “mantra calado” ecoando

e me pedindo resposta para uma coisa que eu também queria de algum modo ter uma explicação para o fenômeno.

Então comecei a fazer curso de Parapsicologia de final de semana principalmente com o professor Frei Albino Aresi. Comprei vários livros sobre o assunto, comecei a namorar a paulistana Mônica Traferi, uma astróloga que me fez entender o oráculo, exercitei a telepatia com o famoso Baralho de Zenner, entrei para a Apex (Associação de Pesquisa Exológicas, do ufólogo Max Berezowsky).

No último ano que morei em São Paulo, precisamente em junho de 1984, participei de um congresso de Cabala judaica proferido por um senhor militar aposentado chamado Plínio Rolin de Moura, um cabalista numerólogo. Ficamos amigos. Ele já havia lançado vários livros sobre o assunto. Ele foi uma pessoa muito importante para mim por causa do conhecimento e contato com a chamada “Teoria da Conspiração”. Ao longo dos seus setenta e oito anos já havia participado de vários congressos na Rússia sobre fenômenos parapsicológicos, era uma pessoa experimentada no assunto e me contou muitas coisas que ele havia visto na Ásia e, que o conhecimento ocidental sobre essas coisas, há pouco tempo está começando a vislumbrar.

Em outubro de 1984, já em Cuiabá, fiquei sabendo que Maria Perna Grossa estava atendendo numa casa na Prainha. Então fui lá com minha irmã Iolanda e outro amigo músico. Enfim, conheci a grande Maria Perna Grossa. Não falei com ela sobre o fato da sua vidência ocorrido comigo e minha mãe no passado, mas, sim, quis saber sobre minha decisão de abandonar tudo em São Paulo e assumir a carreira de músico e como seria. Então ela me olhou e foi enfática me dizendo:

— Cadê o outro “home de tchapéu”?

Nessa época eu já usava chapéu. Então respondi:

— Que homem de chapéu que a senhora tá me perguntando?

Obviamente não era eu.

Então ela olhou séria para mim e disse:

— Se ocê num incontro co ele, vai logo encontrá... ele djá tchegô! Por que esse “home de tchapéu” que vai gravá chuá música... ele é dgente do sur.

Passaram mais ou menos duas semanas e um vizinho meu, hoje já falecido, chamado Hamilton, me disse que tinha conhecido um cantor gaúcho chamado Pedro Santafé e que o músico comentou com ele que queria conhecer os músicos regionais, pois havia um mês que estava tocando em Cuiabá e que gostaria de aprender alguma música da região. Logo fomos apresentados a ele e, pela “lei natural dos encontros”, parecíamos que já éramos amigos há muito tempo.

Pedro Santafé e seu chapéu singular, pois não usava chapéu gaúcho, ficou tocando em Mato Grosso por quase um ano. Quando eu fui contemplado no Projeto Pixinguinha, em 1985, convidei-o para participar comigo, porque era um exímio violonista e vocalista e junto também o pianista Edmilson Marques Augusto que nesse tempo já era conhecido como Marques Carai. O evento foi realizado no Ginásio da Lixeira, organizado pelo guerreiro da cultura, o então professor Benedito Pinheiro. A minha madrinha foi a grande cantora Elizeth Cardozo e o prêmio era percorrer os estados brasileiros no próximo ano com outros nomes famosos da MPB, porém a antiga Fundação Cultural de Mato Grosso, órgão responsável pelo pagamento da contrapartida do Estado para o projeto, não efetuou o pagamento à Funart e a conclusão foi que não pude participar no próximo ano e “morri na praia”.

Passaram quase três anos, não sabia por onde andava Pedro Santafé, pois ele era um “gaudério”, ou melhor, um gaúcho autêntico, visto que não tinha morada fixa e naquele tempo não havia celulares. Certo dia recebi um folder pelo correio do Instituto de Tradições Gaucha de Porto Alegre- RS me convidando para participar do 3º Carjó da Canção Gaucha que aconteceria no mês de junho na cidade de Palmeira das Missões. Como eu não tinha nenhuma composição pronta para o festival nativista, resolvi compor

uma Milonga ao estilo de Payada, baseada na falácia dos gaúchos que venderam suas terras para virem para Mato Grosso acreditando no *slogan* “Planta que o João Garante” do último Presidente general João Figueiredo.

E deu certo; a música foi classificada fui informado pelo telefone quando já morava com as minhas eternas amigas e colegas Zuleica Arruda e Vera Bagetti.

Pareceu que a sincronicidade do fato tocou imediatamente o astral do cantor Pedro Santafé, pois dois dias depois ele me ligou do interior do Paraná, não me lembro de qual cidade, pedindo uma música minha para participar do mesmo Festival. Fiquei perplexo, não acreditei no que estava acontecendo e lhe disse que já tinha uma música classificada e que estava pensando nele para interpretá-la no Festival, por causa do grande rigor que o júri matem com o sotaque nativo, caso eu fosse interpretar poderia perder nesse quesito. Não perdi tempo anotei o endereço dele e disse que estava mandando a letra e a gravação em fita K-7 para que ele aprendesse, se preparasse e que encontraríamos lá em Palmeira das Missões.

Não ganhamos o festival, mas a minha obra “Payador/80” foi considerado a música que mais mexeu com o público, porem ganhamos o direito da participar na gravação do disco do Festival o qual o Pedro Santafe foi o interprete, consolidando assim mais uma vez a vidência da sensitiva cuiabana Maria Perna Grossa.

Guardo comigo o analógico LP do 3º Caríjo da Canção Gaucha, sinto que minha história de registro das minhas obras começou com ele e, que o mesmo foi também o grande protagonista da consolidação de um fato surreal previsto pela grande vidente.

Na história mais marcante dos líderes esotéricos mato-grossenses se encontra a poconeana Doninha do Tanque Novo, os cuiabanos Licínio Veneza e Maria Perna Grossa, esta última faleceu aos 81 anos em Novembro de 1991.

“Matar Bem-te-vi à soco”

Segundo a Bíblia, quando Onan se casou com a viúva de seu irmão Er e não conseguia fazer sexo com ela, porque preferia o prazer solitário e, por isso, o nome dele deu origem ao termo “onanismo”, que significa masturbação (Gênesis 38:9).

Na verdade, as normas da cultura semita da época determinavam que se Onan tivesse um descendente com Tamar, a viúva de seu irmão, não seria considerado seu filho, mas sim de seu irmão, o que, por sua vez, implicaria um deslocamento de Onan na sucessão hereditária de sua família. Diante disso, Onan praticava o coito interrompido com Tamar, evitando ejacular dentro dela, para que a mulher não engravidasse. Então, segundo a Bíblia, por causa desse comportamento desobediente, Deus decidiu matar Onan, mas seu nome, por extensão à prática, passou a ser associado à masturbação. Onã foi executado não pela prática, mas sim por desobediência.

De lá pra cá houve tanta polêmica em torno da masturbação que logo virou pecado para a Igreja Católica, distorcendo o fato real e aproveitando da injúria, usando-a como um meio de ameaçar os que praticassem o onanismo, chegando ao ponto de castigar quem fosse pego no flagra. Obviamente isso não inibiu a prática porque qualquer jovem, tanto homem como mulher, ao entrar na puberdade logo se viciava na masturbação e, ao longo dos tempos, diversas nomenclatura foram criadas e uma das mais antigas e famosas foi a P.U.N.H.E.T.A, ou melhor dizendo: Processo Unilateral de Normalização Hormonal por Estimulação Tática Autoinduzida”, uma licença dada pelo Rei de Portugal aos homens solteiros no século XIX.

No Brasil, em cada lugar surgiram termos populares ligados a prática como bronha, descabeçar o palhaço, estrangular o careca, pegar a filha do capitão Munheca, abençoada etc. Em Mato Grosso, nas cidades da Baixada Cuiabana e no Pantanal, a prática

recebeu o nome de “Matar Bem-te-vi à soco”, não sei a origem da associação da ideia em torno da prática tampouco do termo arranjado, mas o que sei é que eu e os inúmeros amigos da minha época lá de Cáceres éramos todos inveterados punheteiros.

O onanismo era generalizado mesmo principalmente para os que tinham namoradas e estes ainda sofriam mais porque namoravam com um pé no céu e outro no inferno. Após dar o beijo de despedida na namorada à noite na casa dela, iam “babando” direto para o Bar Guarani da Dona Katita, a paraguaia que era dona da famosa boate de mulheres de programa que ficava no centro da cidade. Por outro lado, caso houvesse por parte de algum deles qualquer “deslize de conduta dos bons costumes”, isto é, se acontecesse defloração antecipando o casamento, gravidez ou mesmo se caso fosse pego a namorada “batendo uma para aliviar o namorado” era motivo para casamento forçado e não tinha como escapar. Houve muitos casos até de suicídio por parte de um dos cônjuges por ter sido forçado a casar com quem não queria. O mais famoso foi do grande colega e amigo Roberto Zelada.

Havia uma paranoia generalizada na cidade sobre esse tipo de casamento forçado e quando alguém dizia numa roda de conversa:

— Fulano vai se casar!

A notícia era tão paranoica que imediatamente alguém da roda fazia a pergunta dúbia:

— Na marra?

Entretanto, os anos passavam e os amores platônicos tomavam conta daqueles que não eram muito afoitos para encarar as condições do sossego feroz que vivíamos com a tentação dos hormônios enquanto as jovens cacerenses lindas desfilavam o tempo todo na nossa frente, tanto nas ruas quanto nas escolas ou nos bailes dos clubes de fim de semana.

Elas também sofriam com essa situação. A época era das grandes emancipações femininas, da pílula anticoncepcional, do famoso “amor livre” proliferado mundialmente pelo movimento Hippie

que questionava tudo que vinha da velha tradição da moral judaico-cristã. Era comum cada uma delas fazerem do seu diário íntimo ou melhor, seu “confessatório”, uma espécie de “O caderno rosa de Lory Lamby light”, em que elas registravam nele todas suas angústias, tesões recolhidos e, obviamente, seus “amores na sombra”, um dilema desesperador que às vezes também ocasionava tragédia.

Não havia televisão em Cáceres naqueles idos anos e, além da prática de esportes, a música, a poesia, as sessões de cinema e as serenatas eram as únicas sublimações que tínhamos para nos equilibrar. Porém, o onanismo fazia parte do dia a dia dos jovens e adolescentes. Era comum encontrar algum amigo, principalmente os mais íntimos e perguntar:

— E aí como é que tá?

E ele todavia cúmplice respondia:

— “Djá tô com duas nas costa”.

Significava que já havia se masturbado duas vezes até aquele presente momento.

Houve caso de um adolescente que conseguiu se infiltrar e assistir filme pornô na “seção só pra homens” que acontecia no histórico Cine Palácio às quarta-feiras e ficou tão excitado que se masturbou tanto ao ponto de ir parar no Pronto Socorro do Hospital São Luís com convulsão. Teve outro que era tão viciado na “abençoada” que os amigos resolveram levá-lo ao Bar Guarani para ver como seria sua primeira vez. Como o rapaz nunca havia tido experiência com mulher, após terminar o momento do encontro já na saída da boate os amigos perguntaram se ele havia se sentido melhor.

— E aí, como foi?! Gostou?

— Não! Eu gosto mais da punheta - respondeu ele frustrado.

As nossas professoras eram as maiores musas inspiradoras para a masturbação. Eram mulheres lindas e lecionavam no Colégio Estadual Onze de Março, segunda escola que eu estudei e lá havia um inspetor chamado “Seu Pedro”, um senhor que aparentava ter

cinquenta anos, pessoa muito correta e às vezes severa, porém conhecia o jeito e as manias de cada um de nós, mas cuidava e zelava pelo bom andamento da instituição e sabia que o local em que os alunos fumavam escondidos e praticavam o onanismo furtivamente era no banheiro da escola.

Certo dia no período vespertino, já havia passado o intervalo, as aulas caminhavam para as horas finais e “Seu Pedro”, como um bom educador e responsável também pela disciplina coletiva, estava vasculhando as salas de aulas como sempre fazia pra ver se não estava faltando nenhum aluno ou se havia algum deles escondido dentro do banheiro lendo os famosos “catecismo” do quadrinhista Carlos Zéfiro, o gibi mais cobiçado pela gurizada, pois era praticamente um manual incentivador para a punheta. Nessa tarde, porém, antes de ele chegar perto do banheiro masculino, apareceu um rapaz saindo naquele momento do recinto e dizendo pra ele que o seu colega Jorginho estava “matando bem-te-vi à soco” lá dentro. O inspetor era homem sábio e sabedor do significado do termo, tinha muito bem consciência sobre o fato e conhecia as manias do Jorginho. Ele parou diante do rapaz respondendo e já deliberando de imediato sobre o fato.

— Deixa ele, coitado!... É viciado! Quanto a você, seu linguarudo, volta já pra sua classe.

Houve o caso do aluno Hilário do Grupo Escolar Esperidião Marques que foi flagrado no banheiro praticando a autossatisfação, e quem presenciou o fato foi um outro guri brincalhão que logo saiu correndo indo relatar o fato à jovem e inexperiente professora Eliete (irmã do famoso Doca) sobre tal assunto, usando os seguintes termos:

— Professora, o Hilário tá matano bem-te-vi à soco lá no banheiro!!! E a professorinha na sua inocência, respondeu chocada:

— Nossa! Que maldade! Volta lá e fala pra ele não fazer isso com o bichinho!

Vai pra areias gordas!

Morando em Cáceres eu beirava os treze anos quando participei de um acontecimento que até hoje mal compreendo.

O meu irmão mais velho Luís Justino havia chegado em casa com o livro do famoso e tenebroso bruxo da Idade Média, São Cipriano da Capa Preta, todo entusiasmado e já me mostrando e dizendo que havia achado o livro na rua.

Na condição instintual curiosa de criança adolescente, começamos a folheá-lo e ali estavam vários tipos de sortilégio do tipo “como ficar invisível”, “como entortar faca”, “como desviar disparo de bala”, etc. Ficamos encantados com tudo aquilo, porque naquele tempo ouvíamos muitos casos de pessoas que se beneficiavam daqueles sortilégios, principalmente os justiceiros da fronteira que tinham o chamado “corpo fechado” e um deles mais famoso era o lendário “Mané Boiadeiro”, por isso não morriam na troca de tiro. Então eu e ele em comum acordo resolvemos experimentar principalmente esse sortilégio de “como desviar a bala”.

Como não tínhamos armas de fogo, embora eu havia construído alguns trabucos para caçar passarinho, meu pai, quando descobria a tosca arma, tomava de mim e a destruía ameaçando de me bater se fizesse outro, mas eu sempre fazia um novo.

Nesse dia, “felizmente” eu não tinha nenhum, então resolvemos substituir pelo estilingue, mas conhecido em Cáceres como funda. Pegamos alguns pelotes e fomos para a frente de um paredão que ficava na frente de minha casa, testar o desejado “desvio de bala”.

Após ler e decorar direitinho as palavras do “abracadabra” do livro escrito em latim, fui me meter a ser o alvo, e o Luís, o disparador do estilingue.

Então começamos: Eu fiquei colado no paredão e quando falei em voz alta as ditas palavras mágicas, meu irmão disparou o pe-

lote que acertou meu braço, dei um grito de dor e o Luís, rindo, perguntou:

— Você falou certo as palavras?

Eu fazendo careta de dor e olhando para ele, acenei que sim balançando a cabeça, que havia dito certo. Enquanto procurávamos saber o que foi que deu errado, minha avó Dona Santana, ao ouvir meu meu grito, apareceu no local e quis saber o que estava acontecendo, por que eu estava chorando e massageando o braço. Meu irmão contou pra ela tintim por tintim do acontecido e mostrou o Livro pra ela.

Minha avó materna era aquela mato-grossense antiga, benze-deira, curandeira que conhecia muitas coisas desses sortilégios. Nas noites de São João, ela “olhava a sorte das pessoas” derretendo chumbo numa vasilha de cobre e derramando em seguida numa outra vasilha com água fria pra depois ela interpretar a mensagem para o consultante orientada pela pergunta secreta que a pessoa havia feito na hora que foi derramado o metal derretido na água e, com base na configuração do chumbo que se plasmava no fundo da vasilha após o choque térmico, seria a resposta dos possíveis acontecimentos que estariam aguardando o consultante para esse ano e que tinha vigência até o próximo ano da noite de São João.

Quando ela pegou o livro de São Cipriano da Capa Preta, ficou olhando pra nós dois e, num gesto sombrio, pegou meu irmão Luís pelo braço, olhou para o Sol quente e disse:

— Anda! Vai lá dentro, vista uma camisa branca e venha comigo agora!

Achei que ela iria contar para minha mãe e obviamente haveria problemas, mas logo me prendi na ideia atípica de ela mandar meu irmão vestir uma outra camisa de cor branca sendo que ele estava vestido uma de cor marrom. Não entendendo nada do que estava se passando, continuei massageando meu braço que ainda doía muito.

Meu irmão retornou vestido de acordo com o pedido dela e os dois saíram em direção à beira do rio Paraguai – nesse tempo

morávamos na rua Bom Jardim perto da antiga caixa-d'água onde o rio faz uma curva e tem um barranco bem alto.

Passaram-se alguns minutos e lá vinha os dois de volta. Eu, louco de curiosidade, já havia até me esquecido da dor no braço provocado pelo pelote. Quis saber o que aconteceu, perguntei a ele do Livro, pois não o vi mais na mão dele. Ao mesmo tempo, minha avó ouviu e me censurou com um olhar que eu já conhecia muito bem. Depois que ela se afastou, foi então que ele me contou o que aconteceu dizendo que ao chegar lá no rio, minha avó pediu para ele caminhar de costas até a beira do barranco e depois fechasse os olhos e dissesse em voz alta as seguintes palavras: — “Vai para as areias gordas!” E, em seguida, atirasse o livro pra dentro do rio, abrisse os olhos e caminhasse sem olhar para trás e foi o que eu fiz – relatou ele sorrindo e se cuidando pra ver se a vovó se encontrava por perto.

Fiquei mais curioso e, com meu jeito investigativo que me acompanha desde de criança, fui perguntar diretamente para minha avó o que significava aquilo e onde havia “as areias gordas”. Ela respondeu-me com um tom sombrio censurando-me de novo, tal como na hora que ela viu o livro na mão do Luís:

— Isso não é coisa pra criança saber... Vai brincar com outras coisas! – disse ela.

Até hoje estou sem saber onde ficam “as areias gordas” do rio Paraguai.

“Lá vem Tapuiaia...”

Fui convidado pela delegada regional de Educação e Cultura de Pontes e Lacerda, a senhora Maria Sinforosa Martin Silva, no dia cinco de setembro de 1990 para fazer uma apresentação musical de cunho didático cultural. Fiquei agradecido porque há muito tempo não havia estado com ela a qual fomos colegas no Colégio Estadual Onze de Março no começo dos anos setenta.

Levei comigo o bandoneonista Marques Carai, pois há muito tempo fazíamos esse tipo de trabalho juntos. O auditório estava cheio, principalmente de professores locais e ex-colegas e amigos cacerenses que haviam se tornado mestres educadores e mudado para lá, deixando-me muito contente em revê-los. O evento foi muito bom porque naquele tempo as pessoas ficavam em silêncio quando um artista mostrava seu trabalho. Após o término, saímos para conversar e fazer um *feedback* de tudo que houve sobre as transformações nas nossas vidas, afinal éramos jovens, colegas da mesma escola e estávamos há quase vinte anos sem saber o que houve com cada um de nós.

No outro dia, após o almoço, eu e o Marques resolvemos tomar banho no rio Guaporé, pois não conhecíamos esse histórico rio que banha a cidade e corre para a Bacia Amazônica depois de banhar o município de Vila Bela da Santíssima Trindade.

Ficamos dentro da água muito tempo, visto que estávamos em plena época de seca e a temperatura estava pra lá de quente. Quando saímos do rio e caminhávamos para o centro da cidade, ouvimos um som de acordeão acompanhado de um canto carregado de sotaque cacerense. Nesse momento, o instinto de pesquisador fala mais alto e ouvido de músico tem o poder de identificar o instrumento e saber de onde vem a fonte sonora. Depois de andarmos e “farejando” os sons por alguns minutos, não deu outra, achamos o lugar. Era a casa de Olizete Silva, uma fa-

mília que conhecíamos em Cáceres e lá estavam todos dançando e cantando embaixo de um pé de mangueira frondosa na entrada da residência. A primeira coisa que observei foi os dois irmãos dela, um tocando um acordeão de 88 baixos, faltando duas teclas em cima, outro fazendo percussão no case do acordeão. Senti que estávamos no velho Mato Grosso de minha infância. A índole negra coletiva daquela família que sempre foi extremamente musical exaltava uma força de expressão jamais vista em toda minha vida cantando uma toada antiga de siriri que a letra não saiu mais da minha cabeça desde o primeiro momento.

**Lá vem, lá vem, lá vem Tapuiaia,
Lá vem bateno as asas pro rumo de Cuiabá.**

Eu e o Marques esquecemos o tempo, muitas toadas foram cantadas e o pessoal que dançava queria mais, bebíamos cachaça boa feita na região, cerveja e os tira-gostos eram a costela assada e a mandioca “ferventada”. Havia também uma cabeça assada que estavam tirando do fogo de chão naquela hora, pra surpresa de todos, o que causou uma comoção de alegria geral, pois a festa estava sendo celebrada a rigor com tudo que tinha direito numa festa pantaneira.

O que percebi quando eles cantavam era uma expressão eclética, digamos um leque histórico sonoro, às vezes siriri, toada de cururu, às vezes polca paraguaia cantada pela metade e, diante dessa “maçaroca musical folclórica”, mais tarde eu e o Marques Carai batizamos por questões técnicas de estudo como “Pré-rasqueado”. Foi um jeito de classificar e analisar melhor essa fase do rasqueado mato-grossense, porque antes das partituras dos mestres cuiabanos e da entrada dos sopros como instrumento solo na formação instrumental das bandas marciais em Cuiabá e Baixada, o rasqueado teve sua fase durante meio século a presença essencial da sanfona de quatro e oito baixos conhecida como “Pé-de-bode”

e era ela a “rainha das festas”. Por causa disso, o rasqueado ficou dividido entre o Rasqueado Cuiabano e o Rasqueado de Fronteira e que mais tarde foi consolidada pela composição da música “Chalana” pelo grande e lendário acordeonista Mario Zan, que andou muitos anos tocando na região de Alto Paraguai, Nortelândia, Diamantino, gravando em um disco histórico em 78 r/m outro tema chamado “De Gatinho a Poxoréu”. O termo “Gatinho” era o antigo nome de um garimpo de diamante, local este que mais tarde deu origem à cidade de Alto Paraguai.

O Rasqueado de Fronteira continua até os dias atuais o vilão dos bailes e festa de santos das famílias antigas dessas regiões.

Aquele evento ocorrido em Pontes e Lacerda me marcou tanto que depois que voltei de lá fiquei analisando antropologicamente meus conceitos sobre a formação da música popular em todo mundo.

Como pesquisador, caracterizei o fenômeno acontecido como um novo olhar ampliado numa observação ontológica e criei uma nomenclatura pessoal denominada “Nebulosa Telúrica”. Eu havia chegado à conclusão de que: “Os movimentos humanos vivendo no relevo de uma região, quando estão em frenesi festivos destilam através do ímpeto emocional um lastro denso de historicidade e peculiaridade e que pulsa como um quasar no meio de uma nebulosa cultural”.

Dias após ter voltado de Pontes e Lacerda compus um rasqueado tentando descrever aquele momento sublime de minha vida e usei a toada do Tapuiaiaí numa colagem incidental para “calar o eco dela” que não parava de ressonar na minha alma e o título da obra foi o mais expressivo de todos os rasqueados que compus: “Tchinfrim do Guaporé”.

Essa dgente de Pontes e Lacerda

La da “bera do Guaporé”

Tem um djeito de “cantá dançano”

“Arrastano tudo no pé”

O preto que tocava sanfona

Abria o fole e o coração

Numa toada saudosa de um siriri

Que falava assim:

“Lá vem... lá vem”

“Lá vem tapuiaiaí”

“Lá vem batendo as asas”

“Pro rumo de Cuyabá”

“Debatcho do pé de maguera”

“Tudo mundo amucambado”

Costela de boi no espeto

E mandioca “ferventado”

É festa mato-grossense

É rasqueado é siriri

É um pedaço de Cuiabá

“La pras banda de Parecis”

Contos

“Moadge” na beira de corixo

Era mês de julho e o tempo estava com cara de frio, os peões pantaneiros haviam voltado de uma comitiva vindo de Bela Vista do Norte, estavam esparecendo na beira de um corixo perto do Limão, uma pequena região de Cáceres na fronteira da Bolívia.

As peonadas estavam fazendo um churrasco, alguns jogavam truco espanhol, outros tomavam tererê e conversavam contando casos passados e o cheiro da graxa gorda da costela de um novilhinho se espalhava deixando o local inteiro com apetite, enquanto alguns peões se exaltavam fazendo algazarra insinuando brincadeiras com quem estava presente. Foi numa dessas conversas que o peão Dito “Puxa-puxa”, um negro muito sorridente e falante perguntou para Djalma Lambari se o negócio das novilhas com um fazendeiro boliviano chamado Diego da cidade boliviana de San Matias tinha dado certo e este responde meio acabrunhado:

— “Óia”, Dito! Eu atcho que sim, mas ocê sabe que o Diego é meio “perrengue e desacorsoado” pra “resorvé” as coisas, quanto mais na hora de pagá, né! Respondeu o peão olhando para o outro que sugava o tererê fazendo o ruído conhecido ao terminar a água e que logo entrega a guampa ao peão que estava servindo enquanto ele começa a comentar a resposta do outro.

— Sabe, Djalma, eu até djá fiz negócio co Diego e é sempre esse “rique-foque” o tempo intero e na hora de pagá ele fica que nem “mutchiba na brasa”, parecendo até que o dinheiro vem do “bofe de anta preña” – concluiu Dito “Puxa-puxa” dando risada e se endireitando no cepo que estava sentado, ao mesmo tempo tirando o rebenque que estava preso no seu punho pra ficar mais a vontade.

Nesse momento aparece outro peão trazendo uma gamela com carne assada e mandioca “ferventada” sem sal. Em seguida, ele deixa o petisco no chão e sai de imediato enquanto a peonada começa a dar risada e se servir que nem cardume de Piquira quando

cai pedaço de tripa de Piraputanga na correnteza de rio. É tanta mão ao mesmo tempo pegando o succulento “tira-gosto”, observado pelo tranquilo peão Chico “Teté” com seu jeito vagaroso olhando a “danadeza” da peonada, que, ao terminar de sugar o tererê, entrega a guampa para outro e já pegando um pedaço da carne e da mandioca percebe que a mandioca não está muito seca e exclama enquanto mastiga com a boca cheia.

— Será que Gumericino “panhê” essa mandioca do “terrero” do Zé Bundinha? – falou o peão olhando para todos que estão mastigando.

Por um breve momento ninguém diz nada, pois estão todos com a boca cheia e olhando pra ele, até que o peão Djalma Lambari foi o primeiro a terminar de engolir e resolveu responder e comentar a pergunta dizendo:

— Eu atcho que sim, Tchico! – respondeu o peão que acabou de engolir, agarrou a guampa, deu uma sugada no tererê e segue complementando a resposta.

— Ele tava meio “djururu” djá hojinho de manhã parecendo “fiote de capivara largado pra trás” e ocês sabe que ele é gamado na fia do Zé Bundinha, mas parece que a sirigaita djá tá andando co otro... aquele preto, o Leôncio, conhecido como “bainha esfarapada”, lembra!... pois é! Parece agora que ele indireitô, tomo as rédeas na vida, crio djuízo, largo de cabaré, num tá mais no truco, parece que tá namorano sério.

— Intão tá expicado! O Gumericino tá despeitado, Djalma! Responde o outro peão chamado Lourenço que está servindo o tererê, rapaz novo, filho do dono do rebanho que eles traziam no retorno de Bela Vista do Norte e que começou a praticar a lida das comitivas a pouco tempo.

— E por causa desse praparaque que “támo aqui comeno mandioca de capivara”, porque ele não “presto sentido” e “panhê de carrera quarqué rama” que viu na frente. Comentou Dito “Puxa-puxa” concluindo o relato do ocorrido.

Nesse momento ouviu-se um toque de berrante com ar de “viva” parecendo querer saudar os presentes. Todos se voltam pra estrada boiadeira procurando saber quem é a figura montado num cavalo pantaneiro que, apesar das sombras do final do dia, todo peão pantaneiro conhece os colegas pelo jeito de montar ou pela montaria que usa. Até que um deles identifica o peão e grita:

— Óia, pessoa, quem tá tchegano co violão! O “guitarrero” Gonçalo! Exclama em voz alta Zé Caburé, o peão que está assando a carne. A chegada do violeiro provoca um alarido no meio do acampamento e todos começam a se reunir onde tem os cepos pra sentarem.

— Tá vino de San Matias, Gonçalo? Perguntou Dito “Puxa-puxa” todo sorridente ao ver o seu amigo apeando do “belo pantaneiro”, prendendo o berrante no arreio e já pegando o violão pra começar a “moage” porque a tarde estava sendo consumida pelos raios de sol, que já listrava as sobras da noite.

— Tô vino de San Antonio, Djalma! A festa tava demas de boa por lá, mas eu sabia que ocês iam tchegá hodje e vim pra cá – responde Gonçalo sentado num cepo que outro peão lhe cedeu, porque sabe que qualquer violeiro não gosta de cantar nem de tocar sentado no chão.

Enquanto Gonçalo sentava e começava a afinar as cordas do violão, aparece o peão Zé Caburé, que havia trazido a carne assada; dessa vez com uma “botella” de cachaça com raízes. Nessa hora, Lourenço pendura a guampa de tererê no engate da cela do seu cavalo com a jarra de água, destampa a “botella” de cachaça e começa servir a todos porque ia começar a “moadge”, que não tinha hora para acabar.

Tempo de seca no Pantanal tem um ar de canto de ave de rapina e rugido de felino ao mesmo tempo, a noite é fria e tem um tom esbranquiçado como se fosse um dia feito de raio X. Quando os primeiros vagalumes perfuram a teia do primeiro véu da noite, o chauscar desses pequenos insetos efervescentes e calados

anuncia a inspiração do som dos grilos e outros bichos de hábito noturno e o canto carismático do bacurau é o mais estridente, anunciando o clamor da noite.

O peão Gonçalo pega seu copinho de vidro de tomar guaraná e se serve da raizada, levanta o braço saudando o momento com os amigos dizendo:

— É demais de bom... um amargo de raiz de bugre “pra moiá as palavras” e cantá pros amigos. Um “viva” coletivo celebrou o começo daquela “moadge”.

Logo que Gonçalo começa o rasquear o violão, a peonada grita e Gonçalo entra cantando uma velha polca paraguaia chamada Paloma Blanca, uma mistura de castelhano e guarani muito conhecida na fronteira e a letra diz assim:

Amanóta de quebranto
Guyramí jaula pe guãicha
Porque ndarekoi consuelo
Mi linda paloma blanca

Depois vieram outras tantas músicas que há muito tempo fazia parte e compunha essa tradição das trilhas sonoras da fronteira e que cada peão pantaneiro conhece desde quando nasceram, pois eram cantadas como canção de ninar pelas suas mães que aprenderam ouvindo de outros músicos ou mesmo dos antigos rádios de pilha das fazendas que naquele tempo a sintonia mais precisa nos rádios de ondas curta era a Rádio Nacional de Asunción del Paraguay e a Radio Corrientes de Argentina, isso colocou a população pantaneira habituada a três idiomas ao mesmo tempo. Os temas mais conhecidos eram Despierta, Cielito Alba, Mercedesita, Índia, Galopera e tantas outras.

Depois de cantar e tocar por um bom tempo, o peão violeiro Gonçalo se levanta e passa o instrumento para outro, enquanto ele vai até a beira da clareira se aliviar e logo que retorna caminha

em direção ao fogo de chão, acercando do Zé Caburé que está assando o churrasco, puxa conversa com ele, pois são amigos há muito tempo e pergunta como vão indo as coisas na Bolívia, pois sabe que os pais dele são bolivianos e este sorri e responde com seu sotaque de fronteira quando não tem nada pra contar.

— “Despacito!... Despacito!”! Ocê sabe! Lá tudo anda no “djeito” de sempre, Despacito... Despacito no má!

Depois de responder, o churrasqueiro sorri e, ao terminar de cortar um pedaço da costela, o qual oferece a Gonçalo, a carne ainda quente pronta pra ser deglutida, o peão olha para o fio de costela pingando sangue e gordura, sorri e agradece dizendo.

— Num conheço coisa mió nesta vida do que tá numa noite fresca com veios amigos, numa boa “moadge”, tomano um bom amargo e comeno essa costela “assadita calientita hecha por sus manitas Zé!”, exclama ele sorrindo insinuando o sotaque do amigo peão fronteiriço.

— Noite “demais de boa, chomano!”! Uma voz vinda na retaguarda dos dois peões faz com que eles se voltem e lá está saindo da penumbra mais um dos velhos amigos conhecido pela peonada como Dito Cuiabano, que se acerca sorrindo e com um copo grande de “amargo”, saudando Gonçalo e o churrasqueiro Zé Caburé.

— Mas onde que ocê tava, Dito, que até agora não te entcherguei?

— Ora, chomano! “Cabei de tchegá”!... Tavá “tangeno” dez bezerro “guacho” e umas novilha do Zé da Conceição, lá pra Coricha... Cheguei agorinha e vô te conta uma coisa, essa moadge do cês dá pra iscuta looonge! E o tchêro dessa costela assada também, qualquer um tchega aqui que nem piranha na busca de “matadoro” de bera de rio – responde o peão todo sorridente..

— E como vai a família?! – pergunta Gonçalo com toda intimidade já tomando o copo da mão do peão e dando uma golada.

O peão fica sério e responde meio cabisbaixo:

— Óia, chomano! Ocê lembra daquela vez que ocê teve lá em casa e aquela minha fia mais veia, a Micaela, naquele tempo se

num me engano tinha uns doze anos! – Gonçalo acena com a cabeça dizendo que lembrava – então!

A disbriada num djá tá prenha chomano! – Dito continua.

— Mas como aconteceu? Uma menina tão bunita que gostava de estudá! – Gonçalo indaga comovido, sorvendo mais um gole e entregando o copo para o peão, que dá uma golada secando o resto da bebida, fazendo careta e começa a responder para o interlocutor:

— Eu djá tinha falado pra mea muié tomá cuidado com o tar colega dela, um rapaz cabeludo que parece que tem um ninho de djapuira no lugar da cabeça, mas parece que foi de “barda a tecer”, porque mea muié à noite só qué sabe de vê novela e os fios fica sorto que nem fiote de djoão Pinto... e “fia”... Ocê sabe né, depois dos doze anos fica ocia! Urr! O peão bate com a mão na cabeça, olha par cima e continua a relatar o acontecido, ... djá viu! E depois, ocê num consegue mais “botá na rédea de novo”, cria asa que nem formiga no tempo de tcheia... Num obedece mais ninguém e foi no que deu... passei um respe na mãe e na “fia”, mas não adianto nada, tá lá com “burro de barrigão”, indjoada, gumitano todo dia bem cedo, inda esses dias tava co desejo de come djinipapo co sorvete...vê se tem cabimento, chomano! – Dito Cuiabano continua falando enquanto o violeiro Gonçalo ouve taciturnamente o final do relato do amigo que elucida os temerosos novos tempos.

— É, Gonçalo! Hodje em dia chomano... num pode fiá com rebento na escola, quanto mais agora que a “djuventude invetô esse o tar de fico”.

Enquanto eles conversavam à beira do fogo de chão, do outro lado a “moage” estava animada e inspirada, o violão de Gonçalo ia passando de mão em mão, outros peões também tocavam e cantavam enquanto a noite já havia consolidado, fazendo as águas do corixo brilharem com o reflexo das estrelas e do luar que parecia formar um cenário espontâneo para aquele momento singular

onde a poesia e o canto se aglutinavam em lampejos sorridentes, entorpecendo cada uma daquelas pessoas, mas que somente a lisura do mistério da existência que registrava e guardava no seu insondável manancial célere e furtivo.

A sombra dessa latente presença inefável angustiava a interrupção que acontecia no íterim do cantar ou, melhor, na “deixa da passagem do violão” da mão de um peão para outro, o que os instigavam para que seguissem cantando a trilha sonora de suas vidas e paralelamente permeando no canto deles o som enfático dos seres de hábitos noturno pareciam fazer “contrapontos” na voz dos peões.

“Dgente bocaiúdo num presta pra pescar peraputanga”

Dito popular Pantaneiro

Estava começando a época de seca na Baixada Cuiabana. Com isso, o Cerrado vai se tornando “cor de palha”, as águas dos rios ficam mais cristalina e mais fria, em lugares rasos a correnteza é mais forte, o dia é de céu azul e sol forte; porém, à noite a temperatura fica mais amena, às vezes esfria um pouco mais fazendo com que os cuiabanos daqueles idos anos da segunda metade do século passado mantivessem o fogão de lenha aceso a noite inteira e as famílias costumavam se aconchegar na cozinha, para fazer bolinhos e comerem conversando até mais tarde “quentano fogo”, como diziam.

As avós eram assediadas pelo netos que ficavam vidrados escutando os causos, crendices, estórias e até mesmo histórias que aconteceram com seus amigos ou mesmo descendentes. Enfim, as anciãs sempre foram as fontes inesgotáveis desses relatos orais em toda sociedade.

As lamparinas e os lampiões iluminavam o recinto e, do outro lado da cozinha, formava uma outra roda de conversa dos pais da criançada, uma tradição secular que ainda se conservava porque, como diziam, a palavra de ordem daquela época era: “Criança não pode escutar conversa dos pais”.

Era o que acontecia no começo de uma noite fria na casa de Lourenço, pequeno pecuarista cuiabano e cantador de cururu do antigo Arraial de Nossa Senhora da Guia.

Estava ele e seu compadre Juca conversando, fumando cigarro de palha e furtivamente programando para “ir panhá peraputanga”, como eles diziam, isto é, pescar piraputanga na corredeira do rio Coxipó-açu.

— E aí, Lourenço!...Vamos “panhá umas peras” amanhã lá no Coxipó-açu pra djanta? Incentivara o compadre Juca enquanto o

outro, nesse momento, mastigava um bolo de queijo, solvendo uma infusão adoçada de erva mate queimado na brasa, numa caneca esmaltada de cor branca, muito comum nos jogos de mesa das famílias naqueles idos anos.

Após tomar o gole do chá, Lourenço, sorrindo em voz baixa, com cumplicidade, vai respondendo para ele e piscando o olho, para que sua esposa, Dona Gonçalves, não escutasse e, nesse momento, elamês estava lá fora tirando os bolinhos do tacuru.

— É, compadre! Hodje tá fria... mas amanhã de manhã a água do Coxipó-açu, lá pra cima vai tá quentinha e “detxa as peras in-fruiiidas”, né?

Nesse momento entra Dona Gonçalves, olhando para os dois, pois mesmo afastada do local havia ela escutado a conversa e interrompe-os e já advertindo-os com seu jeito típico de mulher cuiabana previdente, sabendo de antemão pela conversa deles que a pescaria já estava programada e então se precaveu, pois ela sabia que não podia confiar na tal “pescaria” dos dois compadres.

— Escuta aqui ocês dois! Quando ocês passá na fazenda de Mané “Rebotaio” ele fíco de mata uma rês amanhã de manhã, fala pra ele reservar uma costela minguinha pra mim e não vai esquecê de pegá na vorta pelo amor de Deus... E, por favor, “pranxa de banda” da companhia do Antonio “Pelanca”, que tá sempre la no Mané, ele é muito faladô, vai atrapaiá ocês de novo na bêra do rio, támo combinado?

— Tá certo, Dona Gonçalves! – reagiu os dois concordando com a matriarca, pois sabiam que muitas vezes ela tinha razão.

Antonio “Pelanca” era um peão cacerense cantador de cururu que morava também na redondeza do Arraial e os dois o conhece há muito tempo e quando encontram, como dizem, os três “é só toada boa e alegria”, por isso o “ alerta” de Dona Gonçalves.

No outro dia ainda escuro os dois compadres selaram os cavalos e partiram. Quando o dia estava amanhecendo eles já haviam chegado na fazenda do conhecido Mané “Rebotaio” que situava

perto do rio Coxipó-açu, porém bem acima do Arraial da Nossa Senhora da Guia. Este acabava de matar uma rês, estava ele junto com outro peão pendurando as carnes nos ganchos para desossar e depois “mantear”, salgar e colocar no sol para secar.

— Bom dia, Mané! Como vai? Em uníssonos, os dois compadres saudaram o fazendeiro sem apearem dos respectivos cavalos.

— Bom dia!... Pra onde oçês dois tão indo bencedinho? – indagou o fazendeiro surpreso com a presença atípica deles.

— Nós vamos lá na corredeira “panhá umas peras” pra djanta de hoje à noite, a tarde passamos de vorta por aqui, chomano! – respondeu Juca.

— É, chomano... hodje deve tá a ufa de pera lá pra cima... água tá quentinha, né? Reagiu Mané com uma pitada de vontade de acompanhar os dois.

— Ah! Djá ia esqueceno, chomano! Mea muié pediu pro cê cortá um pedaço de costela minguinha dessa rês pra mim levá na vortá, ela atcha que nós num vamos “panhá nada”, acentuou Lourenço compromissando o açougueiro com o pedido da Dona Gonçalves, o qual Mané “Rebotaio” respondeu confirmando o pedido.

— Pode detchá que eu vô corta djá, djá, antes de sargá, né, chomano!

Apos o acerto com Mané “Rebotaio”, saíram da fazenda e resolveram puxar um galope num estirão plano que fica na saída do local para animar as montarias e encurtar o tempo da chegada na corredeira do Coxipó-açu que distanciava alguns quilômetros dali.

Ao chegarem na beira do Rio, buscaram a trilha adjacente a qual dava acesso à corredeira que ficava logo adiante, mas quando estavam chegando no local ouviram o som de viola-de-cocho e uma cantarola meio arrastada, pontuando uma toada de cururu conhecida deles que dizia assim:

**Carro não anda sem boi,
E eu não canto sem bebê!**

De imediato, eles identificaram a voz de Antonio “Pelanca” e, logo que se aproximaram, encontraram o peão cururueiro na beira da corredeira sentado numa pedra, tocando e cantando ao lado dele um garrafão de aguardente com Raiz-de-bugre, a vara de pescar enfiada presa na areia e a linhada com isca de milho boiando no rio e que o mesmo via o peixe fisgar, mas, quando ele ia puxar a piraputanga, dava um pulo e escapava. Pelo visto ele não havia pescado nada porque não havia nenhuma “fieira de peixe” na beira d’água que é costume pra manter o peixe vivo.

Logo que Lourenço e Juca se aproximaram dele, foi só alegria, pois são amigos de muitos anos e sempre estão cantando “função” juntos. Depois dos cumprimentos e das saudações, Antonio foi logo dizendo que sua esposa Dona Sebastiana havia brigado com ele, se empombou e foi para Cuiabá com as crianças e ele, para não ficar à toa em casa, resolveu “panhá umas pera”, mas que havia chegado um dia antes com outro pessoal que voltaram logo que começou a chegada da frente fria, comentou ele dizendo assim:

— Pois é, chomano... Logo que começou o “vento sur”, a cambada foi embora, falano que num ia ficá entanguido aqui na bêra do rio... tamém eles num tinha pegado nem xum-xum... Eu falei pra eles que hodje ia tá disparate de bom, porque a água do rio ia isquentá – concluiu o peão com voz de embriaguês.

— Nós pegamos as traia e saímos cedo da Guia...temos que “panhá algumas” pra djanta de hodje a noite chomano! – informou Lourenço já tirando as linhadas do sapicuá, as varas presas na sela do cavalo e já piscando o olho para Juca que logo entendeu que tinham que sair dali. Nessa hora Antonio “Pelanca” levanta e diz que vai “dar um mergulho pra expertá e matá ressaca” e de imediato o peão cururueiro caminha pra dentro do rio dando um longo mergulho e logo que volta à tona dá um grito de guri animado. Nesse ínterim, Lourenço fala baixinho para o Juca, que dá risada da condição que eles estão metidos e lembra do trato que os dois fizeram na noite passada com Dona Gonçalves.

— Vamo prantchá dele! ... tá “xilado” e despeitado por causa da muié.

Os dois olham para Antonio, que vem saindo da água dando gargalhada e ainda cambaleando. O peão cururueiro volta contente à margem do rio por estar com seus amigos que ele considera a melhor parceria na função de cururu. Então Juca anuncia que eles dois vão pescar mais para baixo, mas Antonio afirma que lá está cheio de Dourado, dizendo assim:

— Pra aquelas banda, Djuca! ... Humm! Se ocê fisga uma pera tchêga pela metade porque o danado do “Amarelão” divide co ele, chomano!... Afora as Saicanga que tá disparte.

Então os dois compadres resolvem ficar por ali. E o pior de tudo foi que Lourenço descobriu que esqueceu a matula e as iscas. Obviamente, tiveram que pedir o milho para Antonio, que sorriu e deu duas espigas de milho verde para cada um deles e, em seguida, pegou sua viola-de-cocho e começou a puxar outras toadas antigas, fazendo provocação nos dois parceiros “de função”.

**Não me corte a “bananera” que o “catcho num tá de vez”,
Ou me ama com firmeza o me detxa de uma vez.**

**Tenho meu lencinho branco, bordado nas quatro pontas,
Tenho meus amores novos, dos “veios num faço conta”.**

**Djoguei meu tchapéu pra cima, pra vê onde caía,
Caiu no colo da veia, creio em Deus Pai, Ave Maria!**

Juca e Lourenço ficaram atirando linha com isca na água tentando pegar, mas depois de um certo tempo os dois compadres viram que com a cantarola e os gritos de Antonio “Pelanca” na beira da corredeira não iam “panhá nenhuma pera” porque o aranzé do cururueiro afugentaram as piraputangas que praticamente desapareceram indo se esconder, pois quem pesca esse peixe sabe que eles provêm de uma sensibilidade auditiva única.

Vendo que não iam conseguir pescar nenhuma piraputanga, começaram a beber a cachaça e a cantar com o Antonio “Pelanca”. E a beira do rio estremece quando os dois compadres começam a cantar outras toadas e a vocalização do “trio”, agora com rodopio e pulos dos três amigos na areia da pequena praia.

**A foia da bananera de tão verde amarelô,
A boca do meu benzinho de tão doce açucarô.**

**Atirei um limão verde, atravessô sete baia,
Deu no cravo, deu na rosa, deu na moça que eu queria.**

**A Cutia pega cocô, Paca veio e tomô,
“Quero vê levantá poera, como ontem levantô”.**

Os dois compadres chegaram no Arraial da Nossa Senhora da Guia às oito horas da noite. Juca foi direto para sua casa, enquanto Lourenço teve que se explicar para Dona Gonçalves que, ao vê-lo chegando meio encurvado no cavalo, foi logo cobrando:

— Cadê minha costela minguinha que te pedi?

— Tá no sapicuá, muié... Ocê pensa que tô dgira e que esqueci? – responde o marido com voz arrastada tentando apear do cavalo quase caindo.

— Não! Mas tá “xilado”... Né disbriado! – responde a senhora ao marido e já insinuando o que aconteceu.

— Eu tenho certeza que ocês dois ficou “de fulia co Antonio Pelanca”, pois não “panharam nenhuma pera”... não é mesmo? Ele tafuiô pinga no cês e ficou na zoada de bateção na bêra do rio, espantando até Jurupensém do rebojo.

Lourenço, vendo que a esposa estava com toda razão, não respondeu, apeou do cavalo caminhando cambaleando e foi quando Dona Gonçalves aproximou do marido, abraçou-o e disse com voz firme:

— Quanta vez djá te falei, Lorenço... Dgente bocaiudo num presta pra pescá peraputanga!

DVD Pirata

Recomenda a assistir o filme “Onde os Fracos não tem Vez” antes de ler.

Na capital de Mato Grosso, o calor não passa despercebido. Várias pessoas de todo país transitam pelo centro histórico e, no meio desses transeuntes, há gente de todo tipo, cada um navegando nos seus compromissos e objetivos, bem como há também os que navegam sem compromissos e com objetivos “light”.

Uma dessas figuras é Jonas, ex-professor do curso médio, 59 anos, aposentado há pouco tempo, morando na periferia da capital. É como dá pra sobreviver um professor após levar “a vida de sacerdócio” da educação no Brasil, como ele sempre diz em tom de sarcasmo, ainda ensaiando o que fazer do ócio da ruptura com o magistério, pois há três anos encerrou suas obrigações, embora ainda permeie na sua cabeça a ausência dos tumultuados 32 anos de exercício da profissão. Às vezes, fica meio apático lembrando-se de alguns alunos que hoje não passam de personagens nas suas lembranças.

O Roger, um brilhante aluno, interessado em tudo; o Mathias que gostava de enrolar as aulas pra ganhar tempo, tinha mais interesse nas conversas do intervalo; a sexy e gostosinha Maitê, voz mansa e sempre sorrindo quando se dirigia a ele insinuando algum pedido de vantagens nas suas sofríveis notas; o César que levava a sua negritude assumida e que fazia Jonas se lembrar dos “Black Panthers” dos anos 60. Também duas figuras de quem o Jonas não esquecia era o casal Beto e Iranil. Assistiam bem às aulas de outras matérias, no intervalo maior do colégio fumavam um “brausinho” e nas suas aulas de Física ficavam dormindo.

Entre tantos e outros, vendo que não conseguia mais entender nem acompanhar o que estava acontecendo na escola e no país,

resolveu aposentar. Para ele, como para todas as pessoas comuns mais ou menos da sua idade e que estudou a história da civilização no modo linear, esses disparates de comportamento dos jovens nos dias atuais eram complexos demais. Jonas via tudo isso como uma planície de multiplicidades de eventos qual uma galáxia em mutação ou uma colmeia de abelhas multicoloridas.

Ele sempre foi cinéfilo, gosta das grandes obras Block-Busters de grandes diretores, mas também tem uma extensão de apreciação para os filmes do mundo inteiro, isto é ele gosta do que há de melhor no cinema mundial e agora com todo tempo do mundo sobrando ele tem mais pra curtir a sua paixão maior.

Com a expansão da pirataria de DVD que se alastrou no país e em todo mundo, como bom brasileiro que mora longe, ganha pouco, não tem carro, nem filho nem esposa, começou a consumir o produto da contravenção. Em razão de grandes diversidades e estoques de filmes do mundo inteiro, chegou a idiossincrasia que a pirataria está prestando um grande serviço para cultura do cinema no mundo, porque não há mais o “imperialismo hollywoodiano”, que obrigava as pessoas a consumirem só produto americano, como os filmes da sessão da tarde da Rede Globo.

O calor da manhã na capital Cuiabá não é muito diferente do deserto do Saara e lá estava Jonas se arranjando na sombra de uma das ruas estreitas do centro histórico, escolhendo os DVDs e conversando com o vendedor Bruno, evangélico, casado, desempregado e com uma filha recém-nascida.

— Bruno, estou há dias esperando por este filme... Esses irmãos Coen são gênios!

— Eu guardei pra você porque é pouca gente que gosta desse tipo de filmes, ponderou o vendedor.

— Beleza! Aí estão os quatro que vou levar e aqui estão seus dez reais. Tenho que pegar o ônibus pra casa e ainda fazer meu almoço, mas valeu. Hoje é sexta-feira, talvez chova mais tarde pra melhorar o final de semana, né!

— Jesus te ouça, professor. Minha menininha anda sofrendo com esse calorão – respondeu Bruno, franzindo a testa.

— Semana que vem passo aqui. Guarda coisas boas como essa que você me “presenteou” hoje... falou! – disse Jonas sorrindo e dando tchau.

Após quarenta minutos dentro do ônibus sem ar condicionado, Jonas desce no ponto do bairro onde mora. Após andar alguns metros na calçada, pensa: Pelo menos aqui na Cohab sempre tá mais fresco que o Centro.

Quando estava entrando na esquina da rua onde mora, encontra a adolescente Thaís indo para o ponto de ônibus para ir à escola, a cuiabaniinha de 17 anos, filha de Mariana, uma professora viúva que ainda está na ativa. Sempre sorridente, a jovem passa um recado da mãe que está trabalhando, dando aula na escola num outro bairro:

— Oi, tio Jonas! Minha mãe derrubou o celular dela e ficou mudo, mas hoje antes de ela sair, ela me disse que, caso eu encontrasse com você, pra dizer que ela vai estar em casa hoje à noite e se você tiver algum DVD novo ela quer ver.

— Oi, Mariana! Tenho sim, diz Jonas mostrando a ela os DVDs dentro da sua agenda, a qual usava no tempo que lecionava e ainda fazia questão de carregar por hábito.

— Diz pra ela que lá pelas sete horas da noite eu apareço lá... falou? – confirma Jonas sorrindo.

Chegando à sua casa, antes de abrir a porta, aparece outro vizinho, “seo Dito”, velho cuiabano que fala com voz grave no dialeto da região:

— Bom dia, seu Djonas! “Óia djá hodjinho eu vi dois martafo rondano chua casa, chô catchorro fez um aranzé danado latino e eles debandaram, num era dgente do Bairro e parecia que tava fumano a tar da maconha...eu atcho que o sinhô num deve facilitá detxano tchua casa demais desguarnecida, chômano”!

Depois de 32 anos vivendo em contato com a população cuiabana, Jonas entendia muito bem o linguajar do “seo” Dito e respondeu a ele:

— Obrigado, “seo” Dito, pelo alerta, pode deixar que vou cuidar! – respondeu.

Logo que entrou na sua casa, após a alegre recepção de Teka, a cadela Rottweiler foi logo preparando o almoço, pois já era quase meio-dia. A casa de Jonas era como qualquer casa de Cohab, um mini alpendre na entrada, uma pequena sala, quarto, cozinha, banheiro e um quintal que era maior que a área construída, onde ele tinha um pé de mangueira frondosa no fundo e que dava muitos frutos todo ano. Por ser ele paulista do interior, tinha o hábito de cultivar uma pequena hortaliça no seu quintal, onde ele usufruía dos seus produtos.

Após o almoço, por causa do calor da falta do que fazer, Jonas adquiriu o hábito da sesta cuiabana logo que se aposentou. Dormia assistindo as notícias do Jornal Hoje. A tarde passou como sempre, de praxe, entre limpando a casa, os canteiros e molhando as hortaliças, brincado com Teka, a guardiã da sua casa quando ele estava fora.

Prontamente, às 19 horas já estava na casa da colega Mariana, mulher que conservava ainda muita cordialidade, mesmo após dar aulas de química pra 130 alunos. Enquanto a filha Thaís se preparava pra sair pra balada de lambadão e rasqueado na danceteria do bairro.

Eles conversavam na cozinha sobre como ia cada dia mais o ensino no país e a falta de interesse dos órgãos públicos que praticamente era refém da secretaria e esta por suas vezes do Ministério da Educação. Mariana corta a conversa repetitiva e enfadonha, perguntando em riste:

— Então, Jonas! O que você trouxe de filme pra gente ver hoje? – indagou Mariana com ar curioso.

— A últimaobra dos irmãos Coen – “Onde os Fracos não tem Vez” – faz mais de seis meses que “tava” esperando, consegui, hoje finalmente vamos assistir, respondeu Jonas com um sorriso típico de cinéfilo.

— Legal! Vou fazer a pipoca – respondeu Mariana animada, dirigindo-se ao fogão.

— Tchau, mamãe! Tchau, tio Jonas! – falou Thaís saindo pra rua, onde os amigos a esperavam no carro e com som alto.

— Tchau, filha. Tome cuidado e não fique até de manhã – recomendou Mariana com tom sério de cuidado de mãe.

— Pode deixar, “mami” – assegurou a filha.

Já era quase 19h40min, quando começaram a assistir o filme, que tinha duração de mais ou menos duas horas. Terminaram, abriram umas cervejas e começaram a namorar, pois a “amizade colorida” deles já durava cinco anos. Mariana, uma bela mulher conservada, com seus 45 anos e com o pique de sexo de mulher balzaquiana. Jonas tinha a sua performance de homem da sua idade nem mais nem menos. Após a morte do marido, Mariana optou não querer mais vida a dois, cuidou da única filha e se manteve com seu salário de professora. Depois que conheceu Jonas, os dois tornaram-se amantes e também como ela se autoidentifica com o slogan “Somos companheiros de infortúnios” e esse bordão tange os dois para serem felizes, reconhecendo seus limites existenciais.

Por volta de meia-noite, Jonas dá um beijo de despedida em Mariana e vai saindo, quando esta pergunta:

— Você gostou do filme? Ele não responde, vira-se e faz um sinal com a mão de mais ou menos, continuando na direção da porta, ela falou de novo:

— Por que não fica? Por que não dorme comigo? – propõe ela. Ele, então, responde:

— Até que gostaria! – respondeu Jonas –, mas o velho Dito me alertou sobre ladrões rondando minha casa hoje pela manhã – acentuou ele.

— É melhor eu ir pra casa e “fazer o segundo turno da guarda da Teka” – respondeu Jonas.

— Então até amanhã! – Mariana responde com um sorriso, já fechando a porta da casa.

Jonas indo para sua casa, não parava de pensar no filme dos irmãos Coen, o final do filme criou na sua cabeça uma complexidade e chegou à conclusão que estava faltando algumas cenas na finalização, coisa típica de cinéfilo obstinado e que sempre desenvolve um roteiro paralelo à obra do autor por questões, às vezes, de seus idealismos inconscientes.

Chegando perto da sua casa, cruzou com dois indivíduos que conversavam alto, pareciam bêbados, passou perto deles sem dar a mínima, Jonas se lembrou do alerta do velho “Dito”. Logo após uns dez metros um deles virou e o encarou, mas Jonas já estava na porta da sua casa e logo entrou e fechou.

Não dormiu bem e, acordando algumas vezes com pesadelos, levantou tarde no sábado. Olhou pra Teka que estava perto da cabeceira da cama olhando pra ele e foi fazer as suas higiênes matutinas, depois molhar as plantas, dar comida pra Teka e fazer seu almoço, pois já eram dez horas da manhã, não havia mais espaço para o café, mas mesmo assim, como bom paulista, fez um cafezinho, tomou olhando pro DVD que estava em cima da mesa.

Teve uma ideia e foi no seu acervo e pegou outros filmes dos irmãos Coen e passou o resto do sábado vendo “Arizona nunca mais”, “Ajuste final”, “O amor custa caro”, “O homem que não estava lá”, “Matadores de velhinhas”, etc. tentando pegar nas outras obras um filete para o entendimento da atual obra que ele não concebia. Já tarde da noite foi que ele voltou à realidade, lembrou que Mariana estava com o celular estragado, pois havia ligado pra ela duas vezes à tarde e, não conseguindo comunicação, foi dormir e teve de novo uma noite cheia de pesadelos, desta vez acordando sobressaltado com imagens dos dois estranhos que passaram por ele na noite passada, vendo-os dentro de sua casa assistindo o filme dos irmãos Coen com o envelope do DVD na mão, sorrindo pra ele.

No domingo depois do almoço, pegou o DVD e colocou pra ver de novo, tentando achar dessa vez uma possível compreen-

são para o filme. Fez empatia psicológica com os personagens, na tentativa de compreender o que o xerife Bell quer, já que tanto descontinuo nas cenas. Não conseguindo a concepção da obra, “entrou numa” que a cópia que o Bruno lhe havia vendido estava faltando a parte final.

Na segunda-feira, antes de sair de casa, ligou para o Bruno e combinou que iria lá ao centro pra trocar e pegar outra cópia do DVD.

— Está bem, seu Jonas, vou levar! Ainda bem que tenho mais uma cópia que assisti, já vou adiantando que esse filme é assim mesmo, minha esposa também achou ele “sem pé nem cabeça” – respondeu Bruno do outro lado da linha e se despedindo.

Após fazer a troca do DVD, Jonas voltou pra casa e, logo após o almoço e a sesta, colocou o DVD, viu de novo o filme, mas dessa vez Jonas ficou prestando mais atenção no diálogo que às cenas, percebendo então que: “O mundo que o xerife Bell viveu foi ainda um “meio” velho oeste americano, embora acontecido no século XX, um mundo diferente onde os valores eram outros, como ele diz no relato inicial “alguns não carregavam arma”. O personagem Moss era um veterano de guerra, tornou-se vítima do velho ditado – a ocasião faz o ladrão –, mas não sabia o que era o mundo do narcotráfico e até que ponto chegaria seu perseguidor implacável Anton Chigurh. Já o anacrônico Carson Wells, caçador de recompensa e ganancioso, achou que iria ganhar duas vezes e acabou não ganhando nenhuma e ainda perdendo a vida.

Quando Jonas mergulha na última cena, no relato do sonho do xerife Bell, este já aposentado e que o sonho que teve com seu pai tem sequência inusitada... quando seu pai lhe dava dinheiro, depois estava no gelado desfiladeiro no qual passou por ele enrolado numa manta, sem vê-lo e sem dizer nada, até o final quando ele está com um chifre aceso indo à frente dele, então exclama: Aí acordei! E o filme termina também.

Então Jonas também “acorda” e faz um “feedback” de sua aposentadoria, por causa de várias situações semelhantes, as quais ele

não compreendia por ser da nova realidade presente, viu que era parecido com a do xerife Bell, lembrou que os dois estranhos que passaram por ele na noite passada na rua da sua casa e que depois perturbaram seu sonho no final de semana, eram gente dessa nova realidade e que os DVDs que o Bruno vendia faziam parte desse novo momento, no qual ele era cliente e que talvez nem o evangélico inocente Bruno soubesse disso, muito menos que o que ele vende é contravenção.

A dificuldade de saber a origem do novo comércio dessa nova realidade e o que ou quem está por trás de cada coisa, cada ideia, por mais que existam meios de informações extremamente céleres, as coisas criaram vários véus e subterrâneos de aparências que parecem chagas de segmentações arbitrárias e que distorcem na razão direta da existência fazendo-nos de idiotas diante dos acontecimentos.

No filme, há várias cenas que exemplificam tudo isso, mas os dois exemplos mais contundentes são as cenas em que o assassino frio Anton Chigurh, no carro da polícia, manda o motorista sair do carro e o mata com um disparo de arrebite de ar comprimido e o outro foi o do cordial mexicano de terno com muita solicitude que oferece ajuda a esposa e a sogra de Moss no aeroporto em viagem pra El Paso e na outra cena é ele o chefe da gang que mata Moss no hotel e recupera o dinheiro do narcotráfico quando o xerife Bell chegava ao local.

Jonas começou a perceber no diálogo do inocente vendedor da loja no deserto com o assassino frio Anton Chigurh que o que se passava era também o choque dos dois mundos. Onde um lado insistia em ser o que sempre foi e o outro ignorando a posição anacrônica do outro usava seu crivo atual implacável das moedas para responder ao diálogo e associa esse comportamento com a simplicidade do Bruno que acredita que o que faz, vendendo DVD pirata pra defender o pão de cada dia da sua esposa e filha, é fazer a coisa certa, tal como o simplório dono da loja que casou por

interesse e quase foi morto por puxar conversa com o estranho e, pior, numa decisão em que a vida dependia da decisão cara ou coroa das duas faces de uma moeda, então ele se lembra do diálogo do filme:

- Escolha! – Disse Anton Chigurh.
- Escolher? – Disse o vendedor da loja.
- É só uma escolha...
- Preciso saber o que estamos decidindo aqui!
- Você tem que escolher! ... Eu não posso escolher por você...

não seria justo!

- Eu não apostei nada!

— Você apostou, sim! Está apostando sua vida inteira... Só não sabia disso!

Jonas abraça Teka e sorri pra ela. Ainda havia alguma coisa boa no meio desse “buraco negro” que se formou atualmente na existência e que, dessa vez, o “horizonte de eventos” era bem pior do que o da cosmologia da física que ele havia estudado porque não havia nesse novo existir algo pra que se pudesse ter um referencial sobre os acontecimentos. Tudo é descontínuo, inusitado, arbitrário e, às vezes, até esdrúxulo e poético, como o linguajar de alerta proferido pelo velho Dito.

Jonas vai até a casa de Mariana com um sorriso no rosto. Logo que ela abre a porta, ele olha pra ela como se a visse pela primeira vez, abraça-a e, com toda jovialidade que há muito tempo a mulher não via no semblante dele, diz:

- Oi, Mariana! Vamos tomar umas cervejas?

Poemas

Inocência

Das reticências cansadas e quando o inefável dorme...
é que nasce a poesia.
Ela é e será sempre uma criança
que mal caminha na beira de uma praia sorrindo...
buscando um vórtice aberto e distraído dos poetas,
para mergulhar no mar dos seus sentimentos.

Moto-perpétuo

A água faz o pingo
O pingo faz a nascente
A nascente faz rio e o rio faz o mar.
O sentir faz o olhar, olhar faz a simpatia,
A simpatia faz o interesse, o interesse faz o amor.
A ecologia e os ecossistemas são auréolas translúcidas e muda,
mas que transborda o nosso existir frenético para um sonho de
estar vivo sem saber por que e sem ter rumo.
O que é a vida ? se não uma sequencia de reticências numa
mandala que aponta para uma ausência de sentido e que esse
sentido está dentro de nós mesmo o qual as vezes chamamos
de destino.

A última gota¹

Nasci no fundo do tempo
Tudo que palpita vida...
Nasceu de mim...
Compadeço da alegria excessiva
Até a tristeza profunda
Sou tênue como
A gota do orvalho
Também sou muito forte
Como o jorro da cachoeira
Participo em tudo que se movimenta
Do sangue até as nuvens
Por isso faço nas veias da terra
Minha principal manifestação, os rios.
Onde buscam em mim
Energia, comida, bebida, lazer...
E devolvem...
Parte minha deteriorada e maltratada...
Estou pensando...
De onde sairá minha última gota...
Espero que não seja dos seus olhos,
Lamentando a minha morte.

¹ Este poema foi epígrafe para a ação jurídica pelo Rio Doce em Minas Gerais e mostrado no Fórum Mundial das Águas em Brasília.

Outono

As folhas secas trazem o aniquilamento do verão...
As folhas secas tangem um som corrosivo da reflexão...
Onde a alma encolhe suas abas adjacentes...
Ao longe ouvimos a poesia
que mais parece um uivo de um lobo jovem destreinado.
Não há brilho no canto das folhas secas...
Elas trazem dentro de si uma ausência que chora
quando percebem que estamos longe do seu canto de renúncia
e renovação de um novo velho tempo
...que reluta em ser.

Tempo seco

Água fica mais molhada e mais gostosa.
Pequenos seres migram para o avesso,
deixando a planície da ausência aquática
chorando em lágrimas latentes.
Diversos fantasmas do barro seco desfilam
celebrando na poeira da planície raquítica,
a síncope de uma lentidão desidratada...
E a diurese corrosiva clama no horizonte um murmúrio
arrepando e anunciando o tempo sarcástico em que a água
é apenas um aplicativo vazio.
O tempo seco transborda aridez, exalta desnecessidade
e aumenta o livre pensar equacionado.

Borboleta

Asas do silêncio tangentes
Beleza fugaz repentina
Cores reticentes fugida
Tagarela das manhãs ensolaradas
Parece um verso preguiçoso
Pedindo passagem na minha retina
É mais um canto desprovido de som
É mais um encanto despreocupado.

Interação

Após o temporal, vem a chuva miúda
E no silêncio da porta do meu racho pantaneiro...
Vejo a “pingueira”... Pequeno olho singelo
que marca o final da chuva.
Por um breve momento mirando aquele pequeno olho...
Senti que a vida brotava na terra...
E também em mim...

?

Entre a penumbra e o crepúsculo
vive uma ausência fugaz
que nos impulsiona para o inédito,
para o que fazer com que a de vir...
Uma fronteira magnética, possessiva
e acima de tudo inexorável.

...E a pinga pingava pingando

Pingando pingava a pinga
Pinga Pingando pingava
Pingando pingava
Pingava pinga
Pinga
Pin
Pin
Pin
Pin
Pin Pin Pin Pin Pin
Pin Pin Pin Pin Pin Pin Pin Pin

